Coletâneas
Solano Trindade

Eternizar em Escrita Preta

VOLUME 7

ETIQUETA
DE BRUNA GEORDANNA

MÃE STELLA DE OXÓSSI
DE TOM MACHADO

MEMÓRIAS
DE VEEC SANTOS



LUCIAS

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador
Felicio Ramuth

Secretária de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas
Marilia Marton

Secretário Executivo
Marcelo Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete
Viccenzo Carone

Chefe da Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais
Marina Sequetto Pereira

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural
Mariana de Souza Rolim

Coordenador de Conservação e Restauro
Amer Nagib Moussa Jr.

Coordenador de Reconhecimento e Salvaguarda
Matheus Franco da Rosa Lopes

Coordenadora de Museus
Ana Paula Pacheco Godoy

Chefe da Divisão de Planejamento e Gestão Museológica
Douglas Herval Ponso

Chefe da Divisão Técnica Museológica
Tayna da Silva Rios

Equipe Técnica
Ana Paula Alves dos Santos, Camila Michelle Gonçalves De Lima, Guilherme de Nardi Viana, Gustavo Nascimento Paes, Jessica Anunciação Araujo da Silva, Mariana Cerqueira de Sousa, Mayara Luzia Lopes Cruz, Murilo Correia de Brito, Reinaldo de Carvalho Bueno Junior, Raisa Ribeiro da Rocha Reis, Regiane Lima Justino, Roberta Martins Silva, Suelen Cristine Barcelos Menezes, Tabata Coelho, Thiago Fernandes de Moura, Valeria Gonzaga Magalhaes.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS AMIGOS DA PRAÇA (ADAAP)

Conselho Administrativo
Isildinha Baptista Nogueira (Presidente)
Hubert Alquéres (Vice-Presidente)
Elen Londero
Eunice Prudente
Fábio Souza Santos
Helena Ignez
Luiz Galina
Patricia Pillar
Raquel Rocha

Conselho Fiscal
Mauricio Ribeiro Lopes (Presidente)
Maria Bonomi
Wagner Brunini

Conselheiro Benemérito
Lauro César Muniz

SP ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO
FACULDADE DAS ARTES DO PALCO

Diretor-Executivo
Ivam Cabral

Assessor Executivo
Tato Consorti

Desenvolvimento Institucional
Elen Londero

Relações Internacionais e Parcerias
Marcio Aquiles

Coordenação Pedagógica Interina
Ivam Cabral

Coordenação de Áreas
Guilherme Bonfanti (Iluminação)
Hugo Possolo (Atuação)
J.C. Serroni (Cenografia e Figurino | Técnicas de Palco)
Marici Salomão (Dramaturgia)
Raul Barretto (Humor)
Rodolfo García Vázquez (Direção)

Coordenação | Extensão Cultural
Gustavo Ferreira

Coordenação | Administrativo-financeiro
Leila Lopes

Biblioteca e Gestão Arquivística
Mauricio Paroni

Programa Oportunidades
João Martins

Coordenação | Comunicação
Esther Querat

Coordenação | Produção
Maiara Cicutt

Coordenação | Estúdio
Tâmara David

SELO LUCIAS

Coordenação editorial
Elen Londero
Ivam Cabral
Marcio Aquiles

ETERNIZAR EM ESCRITA PRETA - VOLUME 7

Edição
Marcio Aquiles

Ilustração da Capa
Ludimila Lima

Diagramação
Henrique Mello

Preparação de texto
Débora Moysés

Revisão
Rodrigo Barros

Jurados do Prêmio Solano Trindade 2026
Bianca Melo
Clarissa Roberta
Ray Ariana

Fotos dos autores
Arquivo pessoal



Este livro foi elaborado a partir do concurso cultural “Prêmio Solano Trindade 2026”, realizado pela Associação dos Artistas Amigos da Praça (ADAAP), gestora do projeto cultural SP Escola Superior de Teatro, junto à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. O prêmio foi instituído em atendimento ao Decreto nº 48.328/2003, com o objetivo de fomentar a produção de novas iniciativas de projetos de pesquisas com a temática ou produção de artistas afrodescendentes.

Direitos reservados à ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça | Selo Lucias
Av. Rangel Pestana, 2.401 – Brás, 03001-000 – São Paulo/SP
55 11 3775-8600
info@spescoladeteatro.org.br
www.adaap.org.br
www.spescoladeteatro.org.br

A849e Associação dos Artistas Amigos da Praça

Eternizar em escrita preta. – Vol. 7 / Bruna Geordanna; Tom Machado; Veec Santos. – São Paulo : Associação dos Artistas Amigos da Praça : Lucias, 2026.
145 p. (Prêmio Solano Trindade)

ISBN: 978-65-84800-41-0

1. Teatro 2. Dramaturgia 3. Dramaturgia Negra

CDU: 792.82

APRESENTAÇÃO

7. por **MARILIA MARTON**
SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PREFÁCIO

9. ENTRE A MEMÓRIA E A ESCRITA
por **IVAM CABRAL**

13. TEMPO AFETIVO
por **MARCIO AQUILES**

TEXTOS

17. ETIQUETA
BRUNA GEORDANNA

43. MÃE STELLA DE OXÓSSI:
AQUILO QUE NÃO SE REGISTRA O TEMPO APAGA
TOM MACHADO

115. MEMÓRIAS
VEEC SANTOS

APRESENTAÇÃO

A história do teatro brasileiro se consolida na multiplicidade de suas vozes, memórias e experiências. Reconhecer essa diversidade e criar oportunidades para que ela esteja cada vez mais presente nos palcos e publicações é fundamental para o desenvolvimento da nossa cultura. É sob essa premissa que o Prêmio Solano Trindade se firma: um espaço contínuo de estímulo à dramaturgia e que honra esse poeta e dramaturgo com legados que transformou a arte popular em afirmação de identidade e liberdade.

Em sua sétima edição, a premiação reafirma o compromisso da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo com o fortalecimento da criação artística e a valorização da diversidade cultural. Por meio da SP Escola Superior de Teatro, ao reconhecer e publicar três obras dramatúrgicas, a iniciativa não apenas celebra o talento de seus criadores, mas garante condições concretas para que essas produções ganhem fôlego, alcance e permanência na cena teatral do país.

A publicação dessas peças também representa uma etapa importante na trajetória das obras. Ao ultrapassarem os limites da premiação, os textos chegam a leitores, estudantes, pesquisadores, diretores e grupos teatrais, podendo inspirar novas interpretações e encenações. É dessa maneira que o incentivo à dramaturgia amplia seu alcance, não apenas pelo reconhecimento dos autores, mas pelas oportunidades que se abrem para que suas criações continuem circulando e estabelecendo diálogos com diferentes públicos.

Cada uma das três obras selecionadas apresenta uma linguagem própria e contribui para a diversidade da dramaturgia contemporânea. Reuni-las nesta coletânea é reconhecer a importância de preservar essas produções, estimular sua circulação e fortalecer a presença de diferentes narrativas na cena cultural.

Que este livro encontre leitores curiosos, artistas interessados em novas possibilidades de criação e espaços dispostos a acolher essas histórias.

MARILIA MARTON
SECRETÁRIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO

ENTRE A MEMÓRIA E A ESCRITA

O Prêmio Solano Trindade chega à sua sétima edição reafirmando uma escolha que, mais do que institucional, é estética e política: reconhecer a dramaturgia negra brasileira como um campo de produção de pensamento, de invenção formal e de elaboração da experiência coletiva. Ao longo dos anos, o prêmio tem revelado autoras e autores que, a partir de perspectivas muito particulares, interrogam a sociedade brasileira e suas estruturas de memória, representação e pertencimento. Não se trata, portanto, apenas de ampliar a participação de dramaturgas e dramaturgos negros no teatro e nas publicações do gênero, mas de constatar que essa presença modifica o próprio modo como podemos compreender a cena contemporânea.

A homenagem a Solano Trindade permanece, nesse sentido, especialmente significativa. Sua trajetória artística e intelectual esteve associada à compreensão da cultura como território de elaboração coletiva, no qual poesia, teatro, dança, música, religiosidade e manifestações populares não constituíam campos isolados, mas dimensões de uma mesma experiência polifônica. Sua obra enfrentou o apagamento histórico das populações negras não apenas pela denúncia, mas também pela criação de imagens, personagens e formas capazes de deslocar o lugar destinado ao negro no imaginário brasileiro. O prêmio que leva seu nome inscreve-se nessa mesma perspectiva: produzir condições para que outras vivências possam ser transformadas em linguagem artística.

As três dramaturgias reunidas neste sétimo volume apresentam caminhos bastante distintos para essa elaboração. Não há entre elas uma unidade temática rígida, tampouco uma forma única de compreender a experiência negra. O que as aproxima é justamente a capacidade de fazer da vivência particular um campo de investigação mais amplo, no qual questões como memória, ancestralidade, trabalho, velhice, cuidado, religiosidade e transmissão cultural adquirem dimensão social e histórica.

Os três textos estabelecem, por caminhos diferentes, uma reflexão sobre aquilo que perdura quando o que foi vivido ameaça desaparecer. Em *Etiqueta*, de Bruna Geordanna, essa permanência está inscrita no tecido e no trabalho de mulheres

cuja autoria foi historicamente ofuscada. Já em *Mãe Stella de Oxóssi*: Aquilo Que Não Se Registra o Tempo Apaga, de Tom Machado, ela se relaciona à necessidade de registrar e transmitir conhecimentos que atravessam gerações. Por fim, em *Memórias*, de Veec Santos, manifesta-se nos vínculos afetivos e nos objetos cotidianos, mesmo quando a capacidade individual de lembrar se encontra comprometida.

Essa aproximação permite compreender a memória não como um tema comum às três peças, mas quase como uma matriz dramatúrgica. Ela produz deslocamentos temporais, organiza relações entre personagens, atribui novos sentidos a objetos e acontecimentos e, sobretudo, coloca em questão quem pode narrar, o que deve ser preservado e quais vivências correm o risco de desaparecer.

É nesse ponto que a própria ideia da série *Eternizar em Escrita Preta* ganha uma dimensão particularmente fecunda. Eternizar não significa fixar uma identidade ou transformar uma vivência em monumento, porque a escrita dramática encontra-se sempre em estado de latência, podendo ser transformada e ressignificada quando o texto é levado aos palcos. Assim, uma dramaturgia publicada pode ser relida, encenada, interpretada e deslocada por outros corpos e outros tempos. O texto não encerra aquilo que lhe deu origem; oferece a essa matéria novas possibilidades de existência.

Talvez seja essa a maior potência das três peças que compõem este volume. Elas não escrevem apenas sobre o pas-

sado. Escrevem a partir dele para interrogar o presente. Fazem da memória uma matéria viva, sujeita a falhas, disputas, esquecimentos e reinvenções. E, ao fazê-lo, inscrevem trajetórias negras em um campo mais amplo da dramaturgia brasileira, não como exceção ou suplemento, mas como parte constitutiva de sua história e de seu futuro.

O Prêmio Solano Trindade cumpre, assim, uma função que ultrapassa o reconhecimento de uma nova geração de autores. Ao publicar essas dramaturgias, cria também uma espécie de arquivo em movimento: um conjunto de textos que registra o presente sem pretender encerrá-lo. Cada peça acrescenta uma perspectiva ao que entendemos por teatro, por memória e por experiência negra no Brasil.

Este livro é, portanto, mais uma camada dessa história do que um ponto de chegada. As páginas que seguem preservam vozes, mas, sobretudo, colocam essas vozes em circulação. E é nessa passagem entre aquilo que foi vivido, aquilo que foi escrito e aquilo que ainda poderá ser encenado que a escritura encontra sua forma mais concreta de permanência.

IVAM CABRAL
DIRETOR-EXECUTIVO
SP ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO

TEMPO AFETIVO

Em *Etiqueta*, Bruna Geordanna constrói sua dramaturgia a partir de um espaço de trabalho: um pequeno ateliê de costura localizado no Brás (bairro de São Paulo onde fica uma das sedes da SP Escola Superior de Teatro), em 1926. O ambiente, inicialmente circunscrito à atividade cotidiana de Eta (diminutivo de Antonieta, como sua mãe a chama), transforma-se progressivamente em espaço de rememoração. A chegada de Julie, interessada em reencontrar a mulher responsável pela confecção de um vestido utilizado por sua avó, desencadeia um movimento em que o objeto deixa de ser apenas uma peça de vestuário para tornar-se suporte material da memória.

É particularmente interessante a maneira como a dramaturgia articula o trabalho manual e a transmissão geracional. O saber de Eta foi recebido da mãe, que, por sua vez, o havia recebido de sua própria mãe. A costura aparece, assim, como uma forma de conhecimento que se transmite pelo corpo e pelo fazer, sem necessariamente passar pelos mecanismos convencionais de legitimação do saber. A agulha, o tecido, o corte e a roupa constituem uma espécie de arquivo alternativo, no qual se inscrevem histórias que dificilmente alcançariam os registros oficiais.

Essa dimensão torna-se ainda mais evidente quando a peça problematiza a autoria. As roupas produzidas pelas mulheres permanecem nas fotografias e na memória de outras famílias, enquanto os nomes de quem as confeccionou tendem a desaparecer. O vestido que desencadeia a narrativa é, assim, mais do que um vestígio do passado: é a materialização de uma história de trabalho invisibilizado.

A peça não trata, portanto, a memória como uma operação de simples recuperação do passado. Ao contrário, sugere que lembrar é também reconstruir, selecionar e atribuir novos sentidos ao que sobrevive. O próprio título concentra essa ambiguidade: a etiqueta identifica, classifica e atribui autoria, mas também remete a uma marca que pode ser retirada, ocultada ou substituída.

Já em *Mãe Stella de Oxóssi*: Aquilo Que Não Se Registra o Tempo Apaga, Tom Machado desloca a investigação para

uma dimensão histórica e ancestral. A trajetória de Mãe Stella de Oxóssi, uma das mais importantes lideranças religiosas e intelectuais do candomblé brasileiro, é tomada como matéria dramatúrgica para uma reflexão sobre as relações entre memória, oralidade e registro.

A estrutura da peça, organizada em seis tempos e atravessada pela imagem da flecha de Oxóssi, contribui para romper com uma percepção linear da história. A vida de Mãe Stella não é apresentada simplesmente como uma sucessão cronológica de acontecimentos. Infância, formação, atuação profissional, iniciação religiosa, liderança no Ilê Axé Opô Afonjá e produção intelectual são articuladas como camadas de uma experiência cuja dimensão individual está permanentemente relacionada a processos coletivos.

Nesse aspecto, a escrita assume uma função que ultrapassa o registro biográfico. Registrar é também disputar a permanência de determinadas formas de conhecimento. Em uma tradição fortemente vinculada à oralidade, a escrita pode operar não como substituição da transmissão oral, mas como uma de suas possibilidades de continuidade. A dramaturgia parece partir exatamente dessa tensão: aquilo que é transmitido oralmente depende da presença, da escuta e da comunidade; aquilo que é escrito adquire outras condições de circulação e permanência.

Finalmente, *Memórias*, de Veec Santos, opera em uma escala mais íntima. A relação entre Pablo e sua avó, Dona

Lurdes, acometida pelo Alzheimer, estabelece o núcleo de uma dramaturgia que investiga as transformações provocadas pelo desaparecimento progressivo da memória. O cotidiano doméstico, aparentemente prosaico, torna-se o espaço em que questões de maior alcance se manifestam: o envelhecimento, a dependência, o cuidado e, sobretudo, a possibilidade de continuidade dos vínculos quando a lembrança deixa de funcionar como elemento de reconhecimento.

A dramaturgia evita transformar o Alzheimer em mero tema explicativo. O que interessa é a experiência concreta da desorientação e seus efeitos sobre as relações. Dona Lurdes confunde tempos, pessoas e acontecimentos; Pablo, encarregado dos cuidados, precisa negociar continuamente com uma realidade que se modifica diante dele. Os objetos assumem uma função dramatúrgica importante. Fotografias, músicas, medicamentos e plantas funcionam como dispositivos de acesso a diferentes temporalidades. Assim, a memória se espalha pelos objetos, pelos hábitos, pelos espaços e pelos corpos. Quando a lembrança falha, permanecem gestos e relações que não dependem inteiramente da consciência.

MARCIO AQUILES
COORD. EDITORIAL
SELO LUCIAS



ETIQUETA

por Bruna Geordanna

ETIQUETA
por Bruna
Geordanna

ATO I

(São Paulo, 1926. Um pequeno ateliê de costura no Brás. Tecidos, rendas, linhas e moldes. Uma Singer ocupa o centro do espaço. Sobre a mesa, uma caixa fechada. ETA trabalha. A máquina corre em velocidade baixa e regular.)

ETA: Eu aprendi a costurar antes de aprender a escrever meu nome. Meu nome é Antonieta. Eta para minha mãe. Eta para quem teve pressa. Antonieta para quem queria me lembrar de onde eu vim. Ela sabia sobreviver dentro das regras. Nem sempre concordava com elas. Às vezes obedecia porque precisava. Às vezes fingia que obedecia para poder continuar trabalhando. Eu não entendia. Criança não entende essas coisas. Criança acha que a mãe sabe tudo porque sabe fazer bainha, remendar meia, tirar mancha de café, reconhecer pelo barulho da porta quem chegou em casa e, principalmente, quando a gente está mentindo.

Minha mãe sabia. Eu não sabia. Ainda não.

(A Singer aumenta a velocidade.)

Era assim que ela me ensinava: a gente pode ter um nome inteiro e ainda passar a vida aprendendo a ocupá-lo. O ateliê é pequeno. Mas vestido de luxo não precisa de muito espaço.

Precisa de boa luz, tecido, silêncio e de uma mulher que sai-

ba olhar para um corpo e entender o que ele está tentando te mostrar ou esconder.

VOZ MÃE: E de cliente que pague em dia.

ETA: Isso também. Principalmente isso.

Minha mãe sabia antes mesmo de a cliente perguntar. Eu aprendi a mesma habilidade: criar outra coisa a partir dos tecidos. Depois que ela morreu, eu fiquei com a máquina velha, com o ateliê, com as mãos dela dentro das minhas e com tudo aquilo que não cabe numa herança.

(A Singer para.)

ETA: Minha mãe aprendeu a costurar com a mãe dela. E a mãe dela, com a mãe dela. Mulheres que não estão nas fotografias da sala de jantar de uma grande família. Essas mulheres trabalhavam nas casas dos outros, nas cozinhas dos outros, nos vestidos dos outros, nos aniversários, casamentos e nascimentos dos outros.

O que passava de uma para outra não vinha em diploma. Vinha na mão. Na agulha. No olhar. No jeito de segurar uma tesoura e cortar firme um tecido. No jeito de sobreviver.

A senhora minha mãe sabia que havia portas que se abriam para o vestido e se fechavam para quem tinha feito o vestido. Às vezes entregava uma peça numa sala onde ninguém perguntava

seu nome. Perguntavam se estava pronta. Perguntavam quanto custava. Perguntavam se dava para fazer mais barato. Nunca perguntavam quem tinha passado a noite inteira costurando. Foi assim que eu fiquei.

Até o dia em que a Julie entrou por aquela porta.

(ETA abre a caixa. Retira o vestido.)

Eu lembro dela entrando. Lembro da caixa que ela segurava nas mãos; mãos delicadas cobertas por luvas de renda. Lembro da chuva batendo na janela, mas ela não estava molhada. Lembro dos detalhes da renda. Das linhas no rosto dela, tensas, procurando por ajuda. O resto da minha memória já anda costurado errado.

Ela me pediu para consertar um vestido muito velho.

Não. Ela pediu para encontrar a mulher que tinha feito o vestido.

ETA: "Minha avó está esquecendo as coisas", Julie explicou. Esquece onde colocou os óculos, o nome das pessoas, o que comeu no almoço. Às vezes acorda e não sabe em que ano está. Mas se lembra de uma coisa: uma costureira. Uma moça que fez um vestido de baile para ela quando era jovem. Disse que queria ver a neta usando o vestido da juventude mais uma vez antes de esquecer de vez quem ela era.

A mulher era minha mãe e minha mãe estava morta. Quem ela procurava morreu há anos. Então Julie veio até mim. A neta

procurando uma costureira que a avó ainda consegue lembrar, mesmo quando às vezes não consegue lembrar da própria neta.

(ETA toca a renda, vira o vestido e examina o avesso.)

Eu reconheci primeiro o ponto. Depois os detalhes na manga. Um vestido caríssimo. A modelagem moderna para a época. Minha mãe fazia isso.

VOZ MÃE: Não puxa a linha, Antonieta.

ETA: Eu não puxei, mamãe. *(Silêncio. Olha para o público.)*

Às vezes eu respondo.

Não sei se é para ela ou para mim.

Foi quando Julie trouxe uma fotografia. Na fotografia, a avó dela era jovem e muito bonita. Confesso que achei Julie muito parecida com a avó. A mesma curva no rosto. O mesmo jeito de segurar as mãos. A avó queria vê-la usando o vestido. Uma tentativa de reviver o passado.

Aquela jovem sorria para alguém que estava fora do enquadramento. Não era um sorriso para a câmera. Era para alguém. Eu perguntei para Julie quem estava ali. Ela não sabia. Perguntei quem tinha tirado a fotografia. Também não sabia.

Depois ela trouxe uma segunda fotografia. Na primeira, a avó

estava diante da câmera. Na segunda, aparecia de outro ângulo, rindo, com o vestido ainda sem a barra terminada. No verso, havia uma anotação pequena, com a letra que eu conhecia desde criança: “Não esquece a barra”.

Minha mãe tinha tirado a fotografia.

E então eu entendi aquele sorriso. Era mamãe que estava atrás da câmera. Eu achei engraçado.
Família rica guarda fotografia.

Família pobre guarda tecido.

Minha mãe dizia que linha boa arrebenta menos. Gente boa, ela nunca disse. Acho que porque sabia que gente boa também arrebenta.

E naquele momento eu queria entender aquela figura, dentro do ateliê, carregando um vestido que minha mãe costurou. Minha mãe nunca falou dessa mulher.

VOZ MÃE: Deixa de ser azeda, Eta! Trata bem a clientela.

ETA: Eu a tratei muito bem, minha mãe... Você ensinou direitinho a etiqueta! Não estou falando daquela etiqueta pequeninha costurada no avesso. Estou falando da outra. A de saber qual garfo usar, quando sorrir, onde sentar, como falar sem parecer que está falando demais. Engraçado que a maioria tem etiqueta na roupa e não tem nenhuma no comportamento.

(Pausa. A Singer aumenta a velocidade.)

Tem gente rica que pode comprar seda, mas educação continua fora de estoque.

VOZ MÃE: E tem pobre sem dinheiro que tem educação até demais.

ETA: A senhora está defendendo rico agora?

VOZ MÃE: Eu não estou defendendo ninguém. Estou dizendo que falta de educação não é problema de bolso. É problema de caráter.

ETA: Só eu sei o que eu vi e ouvi escondida em um monte de retalhos desse ateliê: as humilhações que a senhora passou, a senhora me arrastando por essas ruas do Brás. Você não queria um marido, você queria trabalhar!
No fim, todas as coisas envelhecem do mesmo jeito.

(A Singer volta, devagar.)

ETA: Então eu avisei a Julie que minha mãe dizia que roupa antiga não gosta de ser obrigada a voltar... Ela gostava de criar um novo vestido a partir de um rasgo, aplicar uma renda, uma pedraria, criar o novo a partir do velho. Eu questionava: custa fazer a barra e receber o seu dinheiro?

VOZ MÃE: Dinheiro também tem costura, fia. Se você puxa demais, rasga.

ETA: Mamãe, dinheiro não é tecido.

VOZ MÃE: Por isso mesmo. Tecido a gente remenda. Dinheiro, quando acaba, não adianta chorar.

ETA: Minha mãe era uma artista incompreendida até mesmo por mim, sua filha aprendiz. Ela dizia que eu era difícil. Eu dizia que ela não entendia de dinheiro.

Ela retrucava que eu não entendia de gente.

Ela tinha razão. Eu entendia de medidas, proporções, corpo... Gente era outra coisa.

O problema de gente é que não vem com molde. A gente nasce sem instrução, passa anos tentando descobrir para que serve e, quando finalmente entende alguma coisa, já está na hora de desmanchar a costura de uma vida inteira. *(Pausa.)* Minha mãe dizia que a vida não tem acabamento, pra eu não ficar presa no mesmo molde de sempre das coisas... Eu achava que ela estava falando de roupa.

ETA: Minha mãe estava morta. Eu estava viva. E fiquei com a máquina, o ateliê e o talento de modelista. Eu conhecia o preço de um metro de seda antes de conhecer o preço de um jantar. Sabia distinguir linho de longe, reconhecia renda pelo toque e sabia quais mulheres podiam entrar pela porta da frente sem perguntar quanto custava. Aprendi bem menininha que roupa também tem classe, endereço e sobrenome.

(ETA coloca o vestido no manequim.)

ETA: Comecei pelo forro. Sempre começo pelo forro. É no avesso que a roupa conta a verdade. Na frente, todo mundo olha. No avesso, só a costureira. Tem fio, tem nó, tem sobra, tem erro, tem coisa que ninguém vê. Minha mãe dizia que uma roupa malfeita aparece primeiro por dentro.
Eu penso o mesmo das pessoas. A gente olha a frente e acha que conhece. Vira do avesso e encontra nó que nem sabia que existia.

(A Singer acelera discretamente. ETA trabalha no vestido.)

ETA: E aqui está ela. A etiqueta. Pequena. Quase nada. Um pedaço de tecido dizendo quem fez, quem vendeu, de onde veio. É engraçado. A roupa precisa dizer quem é para ser reconhecida. A mulher não. Mulher pode passar a vida inteira sem que ninguém pergunte quem costurou a mão que está fazendo tudo.

Tanta gente tem medo do avesso, porque ali não existe etiqueta que consiga esconder quem costurou.

A etiqueta de mamãe tinha esta marca: uma homenagem à filha dela...

VOZ MÃE: Eta menina que gosta de aprontar! Eta menina que bagunça! Eta menina que gosta de mulher!

ETA: Mamãe era bem doida. Acho que eu sou também. O tempo passou e eu converso com os tecidos igualzinho ela fazia. A

gente passa anos tentando descobrir se somos aquilo que colocaram na gente ou aquilo que conseguimos tirar.

VOZ MÃE: Devagar com a tesoura.

ETA: Eu sei.

VOZ MÃE: Você sempre foi apressada. Eta menina apressada! Respira!

(Silêncio. ETA respira fundo e solta devagar.)

ETA: Julie voltou no dia seguinte. E no outro. E no outro. A princípio era por causa do vestido. Depois eu comecei a desconfiar que não... Ela gostava de ficar lendo ali naquele canto do ateliê, ficava olhando as minhas mãos por cima do livro. Eu fingia que não percebia, mas, entre uma linha e outra, eu reparava nela olhando minhas mãos. Perguntei se ela poderia provar o vestido e foi assim que começou. Não com uma declaração. Não com uma música. Com uma fita métrica. *(ETA pega a fita métrica.)* Eu media a cintura, os braços. O pescoço. E ela prendia a respiração.

ETA: Teve a coragem de me perguntar se eu fazia aquilo com todas as clientes. Eu disse que dependia. Ela perguntou do que dependia. Expliquei que algumas moças tinham pressa. Ela disse que não tinha pressa alguma. E eu disse que sabia. Ela perguntou como. Então comentei que o coração dela estava fazendo barulho. Ela ficou vermelha... Achei que fosse desmaiar nos

meus braços, ofegante. *(A Singer para.)* E então ela me beijou. Ou fui eu que beijei. Estávamos tão perto da boca uma da outra que ficou difícil dizer *(Silêncio.)* Eu sei o que aconteceu depois. Nada. Tudo. Nada. A máquina voltou a funcionar. E fingimos que ainda éramos costureira e cliente... Não tocamos mais no assunto e, nos dias que se seguiram, ela não voltou. E a minha mente não parou um minuto de pensar nelas. As linhas insistiam.

(ETA se senta e começa a costurar na Singer.)

ETA: É curioso esse negócio de amor. Não amor de novela dos folhetins, o amor da vida real. Do trabalho diário. A gente passa a vida aprendendo a medir: manga, cintura, comprimento, altura, distância. A medir as palavras, os movimentos, a calcular os riscos... E, quando chega alguém que a gente quer perto, não existe fita que resolva.

Julie era delicada. Eu nunca fui. Ela tocava as coisas como quem pede licença. Eu tocava tudo com a mão firme, uma tesoura afiada que sabe onde está.

Ela gostava de rendas; tenho várias do Brasil aqui no ateliê. Ela gostava da sensação que um tecido lhe despertava: passava a mão por todas as texturas, às vezes fechava os olhos.
Ela olhava para o vestido e via a avó. Eu olhava e via minha mãe.
O mesmo tecido.
Duas memórias.

E nós duas, no meio da história de outras pessoas.

ATO II

ETA: Um dia Julie voltou ao ateliê. Eu já estava terminando o vestido e ela me trouxe uma nova fotografia da avó. Não disse nada sobre o beijo. Dessa vez, ela mostrou a data que estava atrás da fotografia e uma frase escrita à mão.
Eu gelei no mesmo instante em que reconheci a letra. A letra da minha mãe. Não era o nome dela. Era uma anotação de costura: "Deixar dois dedos".
Eu conhecia aquela letra melhor do que conhecia meu próprio rosto. Fiquei olhando. Julie perguntou o que era. Eu disse: "Minha mãe".
Ela perguntou: "Ela que fez?".

Eu respondi: "Fez". E foi só isso que eu disse, mergulhada nas lembranças da minha mãe.
Algumas palavras, quando chegam tarde demais, não precisam nem de explicação.

(A Singer acelera.)

Julie queria saber por que minha mãe nunca tinha contado. Eu não sabia.

Minha mãe fazia isso. Guardava. Costurava. Descosturava. Guardava de novo. Eu cresci achando que silêncio era uma característica dela. Depois descobri que silêncio também é uma coisa que se aprende pra se proteger desse mundo; já arrumei muita encrenca por conta da minha boca grande.

ETA: Até que, certo dia, Julie me contou que a avó estava esquecendo cada vez mais. Mas havia coisas que não desapareciam. O nome da rua onde tinha morado quando era moça. Uma música. O cheiro de café passado. E aquele vestido que ela tanto amava. Era como se a memória tivesse escolhido algumas coisas para salvar sozinha.

ETA: Minha mãe escrevia meu nome nos moldes. Eta. Pequeno, no canto, quase escondido. Era assim que ela me ensinava que uma coisa pode carregar um nome sem pertencer inteiramente a quem escreveu. Durante muito tempo, eu achei que meu nome era uma coisa que ela tinha me dado. Hoje penso que nome também se costura. Primeiro alguém escolhe. Depois a gente decide se continua usando.

ETA: A avó de Julie queria encontrar minha mãe. Não para pedir dinheiro. Não para devolver alguma coisa. Não para corrigir o passado. Queria apenas dizer o nome dela. O nome. Inteiro. Como se, depois de tantos anos, alguém tivesse entendido que lembrar de uma pessoa não é o mesmo que lembrar do que ela fez.

ETA: Minha mãe fez vestidos que apareceram em fotografias onde ninguém sabia o nome dela. Mulheres sorrindo, homens ao lado, salões cheios, luz, festa. O vestido ficava. A fotografia ficava. O nome dela, não, porque existe trabalho que assina o corpo dos outros sem jamais assinar o próprio.
(A Singer para e volta, para e volta, falhando constantemente. ETA segura uma tesoura.)

Quantas respostas a mãe da gente costura e descostura dentro da gente?

QUANTAS RESPOSTAS *(A Singer acelera.)*
A MÃE DA GENTE
COSTURA E DESCOSTURA
DENTRO DA GENTE? *(A Singer para.)*

Quando eu terminei o vestido, decidi entregar junto com Julie.

Não porque queria conhecer a avó dela. Eu queria entender mais sobre a minha mãe. Eu precisava entender mais a minha mãe.
A casa da avó era grande. Muito maior que meu ateliê. Mas era só uma casa. Dessas casas que também guardam coisas demais.

(Pausa. A Singer para.)

A avó de Julie olhou para mim. Não para o vestido em minhas mãos. Para mim.

E disse: "Você tem as mãos dela".

ETA: Ela segurou minha mão como quem procura alguma coisa nela. Depois olhou para o vestido. Disse que não lembrava mais do rosto da costureira. Não lembrava da voz. Não lembrava da loja. Mas lembrava das mãos.

(Pausa.)

E foi aí que eu entendi que memória não é arquivo. Memória é uma costureira bêbada. Escolhe um pedaço, joga fora outro, troca as medidas, costura coisas que nunca estiveram juntas e, ainda assim, entrega uma roupa que parece verdadeira.

E é isso que a memória faz com a gente. A avó de Julie estava perdendo quase tudo, mas ainda conseguia lembrar das mãos da minha mãe.

Eu, que ainda lembrava de tanta coisa, precisava descobrir o que fazer com aquilo que ela tinha deixado para mim.
E então ela disse o nome da minha mãe. Inteiro.
Eu não ouvia aquele nome daquele jeito havia anos. Não como "minha mãe". Não como "ela". O nome dela.

Como se ela tivesse voltado a existir por alguns segundos. A avó disse: "Eu nunca esqueci".

E eu perguntei: "O quê?". Ela respondeu: "As mãos". Foi isso.
Não houve grande revelação. Não houve segredo escondido no forro. Não houve crime. Não houve ninguém para culpar.
Havia uma mulher que tinha sido importante para outra mulher.

E o tempo tinha feito o que o tempo faz. Levou quase tudo.
Menos o vestido.

E Julie estava tentando fazer uma coisa muito simples: não salvar a avó, não salvar o passado, apenas impedir que uma lembrança desaparecesse sem testemunha.

Ela provou o vestido. Por um instante, eu não vi Julie. Vi a avó dentro daquele corpo.

A avó estava na cama, mas alguma coisa dela estava ali. E foi depois disso que eu estraguei o vestido.

(A Singer dispara. ETA destrói o vestido no manequim.)

Não de propósito.

Ou de propósito.

Eu estava fazendo exatamente o que minha mãe teria feito. Tentando devolver a peça ao passado.
A manga como era. A cintura como era. A barra como era.
O corpo da avó desaparecendo dentro do corpo de Julie. Até que eu olhei para ela.

VOZ MÃE: Faz igual ao original.

ETA: Não. Dessa vez, não.

Eu estava costurando uma morta dentro de uma viva.

(A Singer para abruptamente.)

Peguei a tesoura.

Pela primeira vez, não pensei na minha mãe. Nem na avó de

Julie. Pensei no corpo que estava diante de mim. E cortei. Tudo.
Julie ficou olhando.
Eu disse que precisava começar de novo. Ela perguntou por quê.
Eu respondi: “Porque você não é sua avó”.

Ela ficou em silêncio. Depois perguntou: “E o que eu sou?”. Eu olhei para ela. Queria responder. Não consegui.
O que eu consegui dizer: “É isso que eu estou tentando descobrir”.

ETA: Foi a primeira vez que eu tive medo de terminar um vestido. Porque terminar significava entregar. Entregar significava que Julie iria embora. E eu queria ficar com ela. Queria que ela viesse ao ateliê sem trazer uma caixa. Queria que entrasse pela porta porque sente minha falta. Queria discutir por causa de tecido, café, dinheiro, qualquer coisa pequena que duas pessoas discutem quando têm tempo para continuar juntas.
Mas eu também sabia que existia uma cidade inteira entre nós.
Não uma rua.
Uma cidade.

Uma cidade que ensina as mulheres a se esconder.

(A Singer volta, lenta.)

Eu queria ficar.

Essa é a parte que ninguém gosta de ouvir.

Porque parece uma promessa. E eu não sei fazer promessas.

ETA: Entreguei o novo vestido em silêncio. Ela perguntou se podia provar. Eu disse que era melhor não... que corresse até a avó e usasse o novo vestido. Que fosse lá entregar o agrado planejado para a avó. Eu realmente gostaria da opinião daquela senhora sobre a obra da filha da costureira que ela nunca esqueceu.

Ela poderia ter ficado mais no ateliê. Eu poderia ter pedido também. Ela poderia ter dito que não se importava com o que diriam sobre nós. Mas nenhuma de nós perguntou. E tem coisa que a gente não precisa ouvir para saber a resposta.

E, depois disso, Julie não voltou.

Alguns dias depois, vi o nome da avó dela no jornal. Morreu dormindo. Uma nota pequena, com foto do velório, dessas que cabem entre uma notícia de política e o anúncio de uma loja. Eu fiquei olhando aquela foto. Julie usava o vestido que restaurei. Se ela usou no velório um vestido tão fino, foi a pedido da avó. Ainda assim, Julie não apareceu nos dias que se seguiram.

Ela podia ter vindo. A porta continuava aberta. Eu podia ter ido atrás dela. Não fui.

A vida tem dessas covardias educadas mesmo.

A gente chama de respeito, de distância, de tempo. E continua costurando.

(ETA revira o ateliê.)

Eu procurei a fotografia. A primeira. A moça sorrindo para fora do enquadramento. Depois procurei a segunda. Minha mãe atrás da câmera.

Foi a primeira vez que eu pensei que minha mãe também tivesse deixado coisas fora do enquadramento.
Coisas que não eram minhas para saber. Ou que ninguém tinha perguntado.

(ETA está costurando uma nova roupa, uma criação nova.)

VOZ MÃE: Isso é roupa de homem ou de mulher?

ETA: É roupa de gente, mãe. Quem pagar leva! Agora só falta a nossa etiqueta...

VOZ MÃE: E a menina lá, não vai mostrar pra ela sua nova criação?

ETA: Não.

VOZ MÃE: Uai, por que não?

ETA: Eu queria ficar com ela. Queria mesmo. Mas querer uma pessoa e conseguir viver a vida que vem junto com ela são coisas diferentes, mamãe.

VOZ MÃE: Não termina por mim, Eta. Termina porque é sua.

(Silêncio.)

ATO III

ETA: Eu terminei a minha obra e coloquei na vitrine. Dava para ver as senhoras parando, cochichando entre si. Era antigo, era novo, era estranho. Nem eu sabia definir aquela roupa.
Mas era bonita.

Bonita o bastante para fazer gente parar na rua. Virou até assunto de folhetim.

Pela primeira vez, não estavam olhando para um vestido que eu tinha feito para alguém. Estavam olhando para uma coisa que tinha saído de mim.

Nenhum corpo volta a ter a idade que tinha.

Nenhuma mulher volta a ser quem era depois de tudo o que vive. Nenhuma roupa atravessa quase uma vida inteira sem mudar.

(A Singer trabalha em velocidade firme.)

Eu fiquei esperando.

ETA: Quando ela saiu daqui, deixou uma coisa em cima da mesa. Não era dinheiro. Não era o vestido. Era um grampo de cabelo com uma mariposa de pedras coloridas. Eu guardei. Não porque fosse valioso. Porque era dela. E, pela primeira vez, alguma coisa tinha ficado no meu ateliê sem ter vindo para ser consertada.

Minha mãe passou a vida me ensinando a não deixar linha solta.

E eu passei a minha tentando descobrir qual delas eu podia deixar solta aqui dentro da minha cabeça.

(Pausa.)

Até hoje eu não descobri.

Mas o ateliê está funcionando. Um sucesso no coração do Brás.

VOZ MÃE: Eta.

ETA: Oi.

VOZ MÃE: Está bonito.

ETA: Está.

VOZ MÃE: Fez diferente dessa vez.

ETA: Fiz. *(Pausa.)* Ainda bem, né, mamãe? Percebe como essa ombreira é diferente?

(A voz não responde. ETA sorri.)

ETA: Obrigada, mamãe, eu sigo daqui. Afinal, eu aprendi a costurar antes de aprender a escrever meu nome.
Nome a gente aprende. Ofício a gente herda.

Memória a gente carrega. Amor a gente encontra.

Mas o que fazemos com tudo isso é escolha nossa. Minha mãe me ensinou o ponto.

Eu aprendi onde terminar.

Eu não sou o vestido que recebi. Eu sou o que faço com o tecido.

(A Singer começa muito devagar.)

E ainda tem muito da minha vida para costurar.

(A velocidade da Singer aumenta. ETA trabalha. Depois de alguns instantes, percebe que há alguém na porta.)

(JULIE aparece. Não diz nada.)

(ETA olha para ela. A Singer continua.)

ETA: Você voltou.

(A Singer chega à velocidade máxima.)

FIM



BRUNA GEORDANNA

Bruna Geordanna é roteirista, dramaturga, escritora e advogada, de família mineira e amazônica, radicada em São Paulo. Mulher lésbica, viveu em diferentes territórios do Brasil, experiências que atravessam sua escrita e orientam investigações sobre memória, identidade, família, fé, amores e ancestralidade. Sua produção transita pela literatura, poesia, dramaturgia e audiovisual.

É coautora de *Munhâm*, espetáculo selecionado para a 5ª Mostra de Circulação da SP Escola Superior de Teatro, e integra projetos nas áreas de literatura, teatro e audiovisual. Em 2026, conquistou o 1º lugar na categoria Crônica Nacional do IX Concurso Literário "Cidade de Ouro Branco", promovido pela Academia de Ciências, Letras e Artes de Ouro Branco (ACLAOB).

Com *Etiqueta*, participa de sua primeira publicação em livro, por meio do 7º Prêmio Solano Trindade de Dramaturgia.



MÃE STELLA DE OXÓSSI:

Aquilo Que Não Se Registra o Tempo Apaga

por Tom Machado

MÃE STELLA DE OXÓSSI: Aquilo Que Não Se Registra o Tempo Apaga

por Tom Machado

A MATEMÁTICA DO CAÇADOR

Escrever sobre a vida de Maria Stella de Azevedo Santos não é um exercício de biografia; é um ato de escuta. É preciso silenciar os ruídos do mundo para ouvir o farfalhar das folhas por onde pisa Odé, o Caçador, meu pai espiritual e regente da coroa dessa que foi uma das maiores Yalorixás do nosso tempo.

Esta dramaturgia nasceu de um encontro traçado antes mesmo da palavra escrita. Na ciência inviolável do tempo, a soma dos números que trouxeram Mãe Stella ao mundo resulta em 24. A soma dos números que me trouxeram a este mesmo chão resulta em 33. Quando reduzidos à sua essência, ambos os destinos deságuam no mesmo algarismo: 06.

Seis é o mistério revelado de Obará Meji. É a realeza que não pede licença. É o domínio onde a fartura de Oxóssi encontra a justiça de Xangô e a beleza de Logunedé. Foi esse Odú, senhor da prosperidade e do verbo que se cumpre, que determinou a arquitetura desta obra.

Porém, a grande força de Oxóssi reside em sua lenda mais célebre: ele é Óxótókanxoxô, o Caçador de uma flecha só. Ele não precisa de duas tentativas para acertar o seu destino.

Por isso, o caminho que o espectador percorrerá não se divide em atos eurocêntricos, mas no voo de uma primeira e única flecha que foi disparada no início dos tempos. Essa flecha implacável costura o fio de Obará e atravessa seis Tempos da vida de Odé

Kayodê. Uma única trajetória revelando recortes incisivos de sua história e empunhando falas de sua própria autoria.

O que se propõe aqui é uma dramaturgia negra, um teatro-ritual assentado em bases decoloniais. Um espaço de epifania onde a luta contra o sincretismo, a resistência contra o racismo e a coragem de registrar o segredo em livros se materializam no palco. Esta obra é uma celebração à memória e à força civilizatória do povo negro no Brasil.

Que a flecha alcance o seu destino para que o Tempo jamais apague aquilo que hoje registramos.

Okê Arô!

Tom Machado - Dramaturgo

Texto: "MÃE STELLA DE OXÓSSI: Aquilo Que Não Se Registra o Tempo Apaga"
Duração: 80 minutos
Elenco: 8 atores e 3 músicos.

Sinopse:
"MÃE STELLA DE OXÓSSI: Aquilo Que Não Se Registra o Tempo Apaga" é um texto de teatro documentário-ritual que mergulha na cosmogonia e na trajetória de Mãe Stella de Oxóssi, uma das maiores intelectuais e autoridades espirituais do Brasil. A peça utiliza a tecnologia multimídia para transcodificar o sagrado em uma atmosfera imersiva, transformando o palco/teatro em um

território de memória e Axé.

A narrativa é conduzida pela flecha de Oxóssi — o Orixá Caçador de uma flecha só e regente de Stella —, que, disparada, cruza por seis tempos cruciais que costuram a sua trajetória em uma espiral ancestral. Do trauma da orfandade na infância ao ápice da sucessão no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, o espetáculo revela o chamado de uma mulher que utilizou a escrita como escudo contra o esquecimento.

Entre o acordar de um sonho na infância, o transe do "bolar no santo" e o rigor da vida como enfermeira, Stella enfrenta contrapontos reais: o racismo institucional, a intolerância religiosa e a resistência de setores ortodoxos à publicação do saber oral. Como sugestão, a trilha sonora deve ser executada ao vivo por sopros e percussão. Esse texto é um rito de passagem que confronta o presente com o legado imortal de quem ensinou que a palavra registrada é a única flecha capaz de vencer o Tempo.

GUIA DE PERSONAGENS E ELENCO

OS PROTAGONISTAS (Eixo Condutor)

1. MARIA STELLA / ODÉ KAYODÊ
Idade em cena: Dos 12 aos 93 anos.
Descrição: Atriz fixa. O eixo da peça. A atriz precisará construir a passagem do tempo por meio da fisicalidade e da respiração. No Tempo 1, é a menina órfã, de ombros encolhidos e olhar assustado. No Tempo 2, ao "bolar no santo", o corpo cede

ao transe. Do Tempo 3 ao Tempo 5, ganha verticalidade, queixo erguido e a presença intelectual, perspicaz e cortante da enfermeira e sacerdotisa. No Tempo 6, a velhice física é sustentada por uma realeza divina e imortal.

2. OXÓSSI / O CAÇADOR
Idade em cena: Atemporal / Imortal.
Descrição: O Orixá da caça, da fartura e do conhecimento. Sua presença é quase sempre silenciosa, coreográfica e magnética. Movimenta-se com a precisão de um caçador: passos calculados, postura altiva e olhar fixo no alvo. Quando finalmente fala (no final do Tempo 2), sua voz deve ser gutural, estrondosa e ancestral. É a luz certeira que protege e conduz Stella até o trono.

NÚCLEO FAMILIAR E DO AXÉ
(Anos Iniciais e Sucessão)

3. DONA ARCANJA (Tia Menininha)
Idade sugerida: Entre 50 e 60 anos.
Descrição: Tia biológica de Stella e autoridade religiosa *(Sobalóju do Afonjá)*. É o pragmatismo e o amor severo. Tem postura de matriarca, peito aberto e voz de comando. Cria a sobrinha com o "rigor como escudo" para que ela não seja engolida pelo racismo do mundo.

4. DONA JOANINHA
Idade sugerida: Entre 40 e 50 anos.
Descrição: Governanta da casa. Leal, observadora e

"despachada". Tem um instinto maternal muito forte com Stella. Traz um ritmo acelerado, indignação com as injustiças e uma sabedoria popular afiada.

5. LIZETE

Idade sugerida: Entre 14 e 16 anos.

Descrição: Prima de Stella e iniciada no Gantois. É a energia leve, fofoqueira e curiosa da juventude de terreiro. Defende a honra de sua Yalorixá (Mãe Menininha) com unhas e dentes.

6. JOSÉ

Idade sugerida: Entre 18 e 25 anos.

Descrição: Irmão mais velho de Stella. Assume a figura masculina protetora da família biológica. Sua postura corporal é de quem está com o "sangue fervendo" ao ver a família passar por humilhação no Gantois.

7. DONA MILTA

Idade sugerida: Entre 40 e 50 anos (aparece no Tempo 4).

Descrição: Irmã de Stella. Representa o desespero e o medo humano diante do sagrado. Sua movimentação é aflita e angustiada ao perceber o peso da coroa de Xangô que esmagará os ombros da irmã.

8. PAI COSME DE OXUM

Idade sugerida: Entre 60 e 70 anos.

Descrição: O Oluô sereno. Um homem de fala mansa, pausas longas e absoluto peso na palavra. A autoridade vem do mistério que ele acessa pelos búzios.

9. MÃE SENHORA
(Maria Bibiana do Espírito Santo)
Idade sugerida: Cerca de 50 anos (no ano de 1939).
Descrição: A 3ª Yalorixá do Opô Afonjá. A verdadeira imagem da realeza afro-brasileira. Não anda, desfila. Voz aveludada, porém cortante, com visão intelectual do candomblé ("Quero a minha gente grande!").

10. MÃE MENININHA DO GANTOIS
(E a Orixá Oxum)
Idade sugerida: Cerca de 80 anos (no ano de 1976).
Descrição: A Yalorixá mais famosa do Brasil. Sua postura emana uma doçura oceânica, mas com uma firmeza intransigente quando fala da vontade do Orixá. Ao seu lado, atua uma atriz representando Oxum, de forma etérea, coreográfica e maternal, banhando Mãe Menininha em luz e águas mansas.

11. PROFESSOR AGENOR MIRANDA
Idade sugerida: Homem mais velho, figura de altíssima hierarquia.
Descrição: Agenor é o Babalaô ríspido, imponente, suado pela tensão litúrgica, que não se curva a ninguém, apenas a Xangô.

12. INOCÊNCIO DE AZEVEDO
(O Marido)
Idade sugerida: Entre 50 e 60 anos (aparece no final do Tempo 4).
Descrição: Marido de Stella na sua vida civil. Representa a âncora profana, a estabilidade, o teto seguro e a vida conjugal apadrinhada pela intelectualidade baiana. Sua entrada em cena carrega o peso do luto humano diante do chamado implacável

do sagrado. Ele transita da indignação racional e do desespero de um homem que perde seu mundo civil para a resignação respeitosa de quem entende que não pode disputar com Orixá. Ele é a maior prova do sacrifício de Stella.

13. MÃE ANINHA
(Eugênia Anna dos Santos / Yá Obá Bii)
Descrição: Fundadora mítica do Ilê Axé Opô Afonjá. Figura imponente, trajando panos de costa suntuosos. Atua no Tempo 1, em cena atemporal, realizando gestos "meio mágicos" ao entregar a maçã de Xangô a Stella. Representa a ancestralidade gurunsi e a força política que libertou o candomblé.

14. MESTRE DIDI
(Deoscóredes Maximiliano dos Santos / Açobá)
Descrição: Filho biológico de Mãe Senhora, artista plástico e sacerdote supremo dos ancestrais (Alapini). No Tempo 4, é o "Escultor do Sagrado" que confirma a sucessão de Stella, lançando o Orobô. Sua fala conecta a arte de moldar o invisível à realeza forjada por Xangô.

NÚCLEO DA SAÚDE PÚBLICA (Tempo 3)

15. ENFERMEIRA EUNICE
Idade sugerida: Entre 30 e 40 anos.
Descrição: Colega de profissão de Stella. Representa o pragmatismo exausto da saúde pública. É bondosa, mas está endurecida e atordoada pela falta de recursos do Estado.

16. A FAMÍLIA PERIFÉRICA
(Mãe Jovem e Marido)
Idade sugerida: Entre 20 e 30 anos.
Descrição: Representam a população preta assistida por Stella. A Mãe transborda admiração, enquanto o Marido traz a simplicidade e a sabedoria das ruas (o banho de folhas).

NÚCLEO DO ATIVISMO E DA IMPRENSA (Tempo 5)

17. OS JORNALISTAS (Internacionais e Locais)
Descrição: Postura inquisidora, ágil e invasiva. Representam o olhar do "mundo branco" tentando enquadrar ou criticar o candomblé.

18. O JOVEM DE TERREIRO
Idade sugerida: Entre 18 e 20 anos.
Descrição: Representa a geração oprimida que sente vergonha da própria fé. Entra de cabeça baixa, ombros curvados e sai de cena com postura de rei após ser libertado pela atitude de Mãe Stella.

NÚCLEO DA ETERNIDADE (Tempo 6)

19. AS OBRAS LITERÁRIAS (Os 5 Atores do Coro)
Descrição: No ato final, os atores abandonam a fisicalidade humana e adotam uma movimentação de "espíritos encantados". Eles personificam os livros de Mãe Stella. Cada um deve declamar seu título com o orgulho de um ancestral que venceu o esquecimento.

20. TÂNIA TOKO
(Personagem / Tânia Regina)
Descrição: Atriz Tânia Toko na década de 1990/2000. Entra em cena buscando seu caminho espiritual, em um encontro metalinguístico com Stella. É a "filha levada" que compartilha uma relação de afeto e humor, chegando a "futucar" o pé da Yalorixá em sinal de amor e carinho.

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS EM MULTIMÍDIA
(Tempo 6)

21. JORGE AMADO e PIERRE VERGER
Descrição: Vozes em off acompanhadas de projeções em video mapping. Eles representam os "ecos da imortalidade", dialogando com Stella no momento de sua coroação na Academia de Letras da Bahia.

PRÓLOGO: O ALUJÁ DA CONSAGRAÇÃO
(O Sonho-Transe)

O público ainda está se acomodando quando a pulsação começa. Não vem do palco, mas das paredes do teatro. Um toque de Alujá (Xangô) muito grave e abafado, como um coração batendo embaixo da terra.

Os atores não começam no palco. Eles estão espalhados por vários pontos do teatro (atrás da plateia, nos corredores, nas coxias). Eles entoam cânticos e sussurros ecoados, criando um efeito surround de vozes divinas e humanas que procuram a "escolhida".

O teatro está num breu quase total. Apenas um feixe de luz zenital, cortante e frio, ilumina o centro do palco.

Stella está no centro desse feixe de luz, estática. Ela veste elementos sutis de seu ofício (uma referência ao branco da enfermeira), mas seu corpo e o chão ao seu redor são tomados por projeções em video mapping. As imagens transcodificam sua pele: escamas, folhas, búzios e raios de luz, mostrando a divindade tomando conta do humano.

Das sombras, surgem as figuras estilizadas e grandiosas de Oxóssi e do Coro, que entram em cena caminhando em câmera lenta. Eles são seres híbridos na penumbra: metade humanos, metade Orixás. Eles convergem para o centro, atraídos por Stella.

Assim que as entidades chegam ao centro, o toque abafado do atabaque rompe para o som ao vivo, forte e estrondoso. Os sussurros de "Stella... Stella... Odé Kayodê... Olha a hora!" tornam-se um coro potente.

Os atores formam um círculo ao redor de Stella. Eles funcionam como um grande Xirê em celebração, girando em torno dela e cantando:

Há, Yaô,
Hum Alé, hum Alá keuajô. Hum Alé, hum Alá keuô Yaô,
Hum Alé, hum Alá keuajô. (Bis)

Stella, que estava estática, começa a ser conduzida pela energia

da roda, perdendo o controle de seus movimentos terrestres e entrando em transe. Outra música:
Yaô embolonã, Yaô embolonã,
Jampepé, Yaô embolonã. Yaô embolonã,
Yaô embolonã. (Bis)

O círculo acelera vertiginosamente. A luz acompanha: flashes estroboscópicos ritmados com o couro dos atabaques criam recortes no movimento, dando a ilusão de que as entidades estão voando ao redor de Stella.

No momento em que Oxóssi estende a mão para tocá-la e coroá-la, a pressão sonora atinge o seu ápice, uma verdadeira convulsão coletiva.

(Blackout.)

UMA FLECHA SÓ - TEMPO 1: O Agô da Orfandade
(A Construção do Escudo)

(O giro catártico do Prólogo é interrompido por um BLACKOUT absoluto e um silêncio cortante. No escuro, ouve-se apenas a respiração ofegante e irregular de Stella. Uma projeção rápida no fundo do palco mostra os números 2, 5, 1, 9, 2, 5, que se embaralham e se transformam em seis búzios. De repente, um som metálico solitário, como o de um adjá [sino] batendo muito devagar e com eco, simulando os passos contados do Caçador no quarto escuro da menina, até explodir na voz em off. A voz de Stella, soando ancestral e atemporal, ecoa por todo o teatro.)

STELLA *(Voz em OFF / Projeção Sonora)***:** MEU TEMPO É AGORA!

(Luz de corte: um foco quente, cor de lamparina [âmbar], acende abruptamente sobre uma esteira. Stella está sentada. Seu corpo mudou: os ombros estão encolhidos, os pés voltados para dentro, o olhar assustado, mas profundo. É a criança órfã. Do escuro, a tia, Dona Arcanja, avança com uma bacia nas mãos, pisando forte.)

DONA ARCANJA: Acorde, menina! Que agonia é essa nesse quarto? Tá suando frio de novo... Sonhando com o que não deve outra vez, Maria Stella?

STELLA: *(Voz contida, olhar no vazio, ainda presa no onírico.)* Tinha um homem, tia. É sempre o mesmo homem. Ele anda sem pisar no chão... Tem um laço de luz, um arco longo. Ele não fala nada, mas conta os meus passos. Contava tudo... E cheirava a mato fresco. O mato me chamava, tia.

(Oxóssi aparece na penumbra, atrás de Stella. Ele faz movimentos lentos, imponentes, vigiando sua caça. A tia não o vê, mas sente a densidade do ar.)

DONA ARCANJA: *(O tom ríspido se abranda por um segundo. O olhar da tia cruza o vazio. Ela murmura para si mesma, reconhecendo o código do invisível.)* O que é de Orixá... o vento não leva e o homem não esconde. A marca já tá na coroa... Não tem jeito. Quando der a hora, vai nascer uma Yaô.

STELLA: *(Curiosa e confusa, tentando entender.)* Yaô, tia? Quem vai nascer? O homem do mato tava me chamando pra onde? Eu preciso ir?

DONA ARCANJA: *(Cortando o assunto bruscamente, trazendo a menina de volta para a terra.)* Precisa de nada! Sossegue esse Orí, menina! A fruta só dá no tempo. Se tirar verde, amarga a boca; se passar do ponto, apodrece e cai inútil no chão. Não tenha pressa de desvendar mistério que não lhe cabe ainda. Quando você menos esperar, o tempo já passou por cima de você. Tudo... tudo nesse mundo obedece ao tempo. Inclusive o tempo de fazer ano, não é não?

STELLA: *(O olhar assustado cede espaço a uma pureza infantil.)* Meu aniversário...

DONA ARCANJA: *(Mais leve, mas ainda firme.)* É, maio já tá aí batendo na porta. O que é que você vai querer de festinha de aniversário, hein, Maria Stella? Um bolo? Um doce de coco?

STELLA: Eu queria um doce... e um livro, tia.

DONA ARCANJA: *(Sorri de canto, mas logo volta à sua postura de rocha. Pega um punhado de sementes da bacia e entrega na mão da menina.)* Pra ter o doce, primeiro tem que saber contar o tostão! Soma, Maria Stella. A vida do pobre é conta exata! Que dia você nasceu? Hein? Fala alto!

STELLA: *(Contando as sementes na mão, o ritmo da sua fala se alinha sutilmente ao toque baixo de um atabaque.)* Dois de maio, do cinco, né... de mil novecentos e vinte e cinco.

DONA ARCANJA: Dois, cinco, um, nove, dois, cinco. Soma tudo na cabeça, menina! Bote a cabeça pra funcionar, pra não ser passada pra trás!

STELLA: Dois mais cinco, sete... mais um, oito... mais nove, dezessete... mais dois, dezenove... mais cinco... Vinte e quatro, tia!

DONA ARCANJA: E dois mais quatro?

STELLA: *(A luz pisca sutilmente. Oxóssi estala os dedos no fundo. Stella arregala os olhos, sentindo um peso estranho no número.)* Seis... Meia dúzia. Seis.

DONA ARCANJA: *(Suspira fundo. A voz ganha uma gravidade cortante, forjando a armadura da menina.)* Seis. É o tempo que você tem pra aprender a ser forte nesse mundo. Olhe pra sua cor, menina. Olhe pro mundo lá fora! A Bahia engole gente feito nós antes do meio-dia. O choro não enche barriga e o mistério não constrói teto! Eles vão olhar pra você e vão ver só a falta. Vão ver a preta, a órfã, a sozinha. E o que é que você vai dar a eles? Conhecimento! Letra! Disciplina! O meu rigor é o seu escudo, Maria Stella. O afago em excesso deixa a carne mole, e a sua carne tem que ser dura feito jacarandá. Aprenda as contas, aprenda a ler os cadernos, aprenda a arrumar as coisas

da Terra... porque o que é de cima... ah, o que é de cima, o dono vem buscar.

(Dona Arcanja vira as costas e sai da luz, levando a bacia. Stella fica sozinha no foco.)

STELLA: *(Olhando para as seis sementes na mão. A respiração muda; o eixo do corpo da personagem se ergue lentamente. A ancestralidade começa a desabrochar.)* Seis... Obará... A coroa do Rei e a mira do Caçador. *(Ela olha por cima do ombro, exatamente para onde está a sombra de Oxóssi.)* O rigor dela é o meu escudo. Mas o seu laço, meu pai... O seu laço é o meu caminho. *(Canta à capela.)*

Atirê, Okê!
Atirê que um alé bareô. *(Bis)*

Atirê na lorepô morajô, Que um alé barê.
Atirê, Okê!

(O atabaque bate um compasso truncado e forte. O corpo de Stella dá um solavanco repentino — é o barravento, a energia do santo cobrando a cabeça. Ela gira, os braços se soltam, e ela cai de joelhos, exausta, no centro do palco. Dona Arcanja, na penumbra, observa a cena com as mãos no peito, aterrorizada. Ela não se aproxima; ela recua, saindo da luz como se corresse para a rua. A luz apaga sobre Stella ajoelhada e, imediatamente, um foco acende no outro lado do palco. O ambiente exala o cheiro de macassá. Pai Cosme de Oxum [o Ator 1] já está em cena, sentado

em sua esteira. Ele não olha para a porta. Ele está debruçado sobre a peneira, jogando os búzios em um ritmo contínuo e frenético. O som das conchas batendo na palha dita a urgência da cena. Dona Arcanja entra no foco de luz, ofegante, parando à frente dele, mas ele a interrompe antes mesmo de ela falar.)

PAI COSME DE OXUM: *(Sem levantar os olhos da peneira, lançando os búzios novamente.)* Não adianta secar o suor dela, Arcanja! Nem o banho de folha fria vai segurar o que o céu já soltou! A força é grande porque o dono é Rei e não pede licença!

DONA ARCANJA: *(Aflita, com a voz trêmula.)* Pai Cosme... A menina não dorme, o corpo dela quase foi pro chão sozinho agora mesmo! Eu tive que vir correndo... Eu não sei mais o que fazer com Maria Stella!

PAI COSME DE OXUM: *(Recolhe os búzios com rapidez, junta as mãos na testa e faz o lançamento final, definitivo. Ele olha para a caída e levanta o rosto para Arcanja, com uma gravidade absoluta.)* O mistério já tomou conta da casa. E não se engane com a quietude dela quando o vento passa... O que se mostra aqui na palha não é caminho de Yaô comum.

(Pai Cosme crava o olhar em Arcanja, entregando a verdade histórica.)

PAI COSME DE OXUM: O caminho dessa menina é o trono, Arcanja. Ela nasceu para ser Yalorixá. O destino dela é comandar.

DONA ARCANJA: *(O choque a faz recuar um passo. Ela olha para o vazio, processando a magnitude da sentença.)* Yalorixá... Pai amado. Uma órfã com uma coroa dessas nas costas... Pois não posso esperar mais! Eu sou Arobá do Gantois. Se o mistério é desse tamanho, só Mãe Menininha para saber onde assentar tanta realeza! Vou chamar Joaninha agora mesmo. Vamos levar Stella para o Gantois antes que o tempo vire de vez!

(A luz escurece sobre Pai Cosme. Ouve-se som de passos apressados e vozes indignadas na rua. A luz abre rapidamente no centro do palco. Dona Joaninha entra apressada, bufando de raiva, puxando Stella pela mão. Atrás dela, vem José, irmão de Stella, com a postura firme e ofendida. Por último, entra Lizete, gesticulando muito, tentando apaziguar a situação. Dona Arcanja vira-se, assustada com o alvoroço.)

DONA JOANINHA: Arcanja! Um desaforo! Eu não me conformo com a falta de respeito!

JOSÉ: *(Visivelmente ofendido, gesticulando.)* Eu tive que me segurar pra não virar o tempo lá naquela porta, tia Arcanja! Fizeram a gente de besta! A senhora precisava ver a humilhação.

LIZETE: *(Entrando afobada e cruzando os braços nos ombros, em sinal de respeito.)* Oxe, José, abaixa esse tom pra falar da minha casa! Bença, tia Arcanja! Não foi bem assim não, viu? Mãe Menininha não destrata ninguém, muito menos sangue da senhora!

DONA ARCANJA: O que foi, José? Valha-me Deus, Joaninha, o que aconteceu lá no Gantois? Pai Cosme mandou a gente correr pra resolver o mistério. Cadê a resposta?

DONA JOANINHA: *(Colocando as mãos na cintura, apontando o dedo.)* O que aconteceu é que ficamos a manhã inteira sentados naquela sala, esperando a consulta! A menina aqui quieta, suando frio na cadeira, tremendo de aflição, e o tempo passando!

JOSÉ: E de repente, tia, desce uma filha de santo de lá de dentro e diz secamente que Mãe Menininha não atende mais ninguém hoje! Mandaram a gente dar meia-volta! Bateram a porta na nossa cara, tia!

LIZETE: *(Protegendo a imagem do terreiro, com firmeza.)* Bateram porta nenhuma, José! A Egbomi veio avisar com todo o respeito. Oxe! O jogo de búzios de Mãe Menininha responde a quem tá no Orun. Não é máquina, não! Se o oráculo fechou, se a Yá recolheu, é porque o mistério de Stella não era pra ser desvendado lá. Orixá também diz "não", tia Arcanja... A senhora sabe disso!

DONA ARCANJA: *(O orgulho e a autoridade tomam conta dela, cortando a justificativa de Lizete.)* O oráculo pode fechar, Lizete, mas a porta, não! Recusaram a minha sobrinha? Fecharam a porta pra sobrinha da Arobá do Gantois? Sobaloju do Opô Afonjá?! Pois! *(Para Stella e José.)* Se arrumem agora mesmo! José, pegue as coisas de sua irmã. Joaninha... Hoje é 25

de dezembro de 1937. Se o Gantois fechou as portas hoje, Xangô abrirá as dele! Vou levar Stella direto pros pés de Mãe Aninha no Afonjá!

DONA JOANINHA: É, Arcanja... A menina não sossega porque o sangue dela é de caçador. Ela não está doente; ela está sendo chamada. Se me dá o seu Agô... *(Arcanja permite com a cabeça e Joaninha sussurra.)* Passei a noite ouvindo ela caçar no sono, Arcanja. O corpo dela é um templo que já tem dono.

DONA ARCANJA: *(Ríspida.)* Ela é órfã, Joaninha! Precisa também de escola e de pé no chão. Maria Stella, venha cá. Quantos somos nesta casa?

STELLA: *(Contando as sementes na mão.)* Somos muitos, tia. Coryntha, Bellanizia, José, Milta e Adriano. Mas meu pai, Esmeraldo, e minha mãe, Thomázia, não estão mais aqui.

DONA ARCANJA: Estão, sim, no seu sangue. Inclusive sua bisavó, Maria Conibabê, que veio de navio da aldeia ebá. *(Pausa.)* Joaninha, prepare a menina. Vamos ao Ilê Axé Opô Afonjá. Se o Gantois fechou as portas hoje, Xangô abrirá as dele.

STELLA: Xangô? O dono do raio?

DONA ARCANJA: *(Profética.)* Vá, Maria Stella. E lembre-se: o meu rigor é o seu escudo, mas o destino é o seu senhor. Aprenda as letras dos livros, porém não esqueça a leitura dos búzios. Porque o que é de cima, o dono vem buscar.

(O foco de luz sobre Arcanja e Joaninha se expande, ganhando uma tonalidade vermelha vibrante e o som abafado de um Alujá. As paredes do teatro projetam as colunas brancas do Afonjá. No centro do palco está Mãe Aninha [Eugênia Anna dos Santos], imponente, trajando panos de costa suntuosos. Ao lado dela, com uma postura de extrema elegância, olhos grandes e um magnetismo inegável, está Maria Bibiana [Mãe Senhora], ocupando o seu posto de Ossidagã. Arcanja e Joaninha conduzem Stella. Ao chegarem diante das matriarcas, Arcanja e Joaninha se curvam, tocando o chão. Stella, hipnotizada, não consegue tirar os olhos da Ossidagã.)

MÃE ANINHA: *(Sem olhar para Arcanja, mantendo os olhos fixos em Stella.)* O que o oráculo cala no caminho, o Rei acolhe na sua porta. Arcanja... você trouxe a caçadora ao pé da montanha.

DONA ARCANJA: *(Com voz submissa, ainda curvada.)* Trouxe o que é do sagrado, minha mãe. A força tá grande demais para uma casa de família.

MÃE ANINHA: *(Com a voz cansada, mas absoluta, ela faz um gesto com a mão para a sua Ossidagã de confiança.)* Ossidagã... traga a gamela do Rei.

(Maria Bibiana [Mãe Senhora] se aproxima do altar. Com a mão esquerda, ela pega a gamela rústica de madeira e a apresenta diante de Mãe Aninha. Stella observa cada movimento daquela "deusa de ébano", fascinada. Mãe Aninha aproxima-se da gamela. Ela executa um gesto "meio mágico":

um movimento circular com as mãos que parece extrair algo do próprio ar sagrado. Ela retira uma maçã perfeitamente vermelha e física. Ela a eleva à altura do Orí de Stella.)

MÃE ANINHA: Xangô me deu dois nomes na terra de Tapa... Ogodô e Afonjá. Ele sabe o peso das palavras e dos destinos. A doçura do Rei não é um prêmio, minha filha, é um mistério. É pra quem tem a cabeça forte o suficiente pra carregar o que Ele mandar.

(Aninha entrega a maçã nas mãos trêmulas de Stella. O olhar das duas se cruza. Aninha vira-se para a Ossidagã e faz um sinal de entrega.)

MÃE ANINHA: Senhora... olhe por esta menina. O vento de Odé já marcou a coroa dela.

MÃE SENHORA (Ossidagã): *(Aproxima-se de Stella. Ela abre um "lindo riso", doce como as águas de Oxum, mas com o rigor de uma rainha. Ela toca levemente o ombro da menina com a mão esquerda.)*

O mato já estava chamando, não é? *(Para Stella, com firmeza e afeto.)* Guarde o que você recebeu. Nesta casa, a gente não dá um passo sem ir ao pé de Xangô. E Xangô manda guardar o mistério na palma da mão e esperar o tempo girar.

(Os irmãos de Stella, Milta e José, entram em cena rápida, passando pelo fundo, cochichando com inveja visível, apontando para a maçã.)

IRMÃO JOSÉ: *(Cochicho alto.)* Olhe lá... Por que só Maria Stella recebeu presente e nós não?

IRMÃ MILTA: *(Com desdém.)* É... Só ela que ganha a fruta do pé do santo!

(Stella ignora os irmãos completamente. Seus olhos estão vidrados na Ossidagã. Ela esconde a maçã nas dobras de seu vestido, sorrindo de forma vitoriosa e íntima. Mãe Aninha recua lentamente para a penumbra do fundo, como se estivesse partindo para o Orun. Mãe Senhora [Ossidagã] permanece no centro, altiva, sustentando o olhar da menina.)

STELLA: *(Ainda criança, num sussurro maravilhado, quebrando a quarta parede apenas com o olhar.)* Ossidagã... Ossidagã.

(A luz civil do terreiro "congela". Mãe Senhora e a menina Stella não se movem. O som do atabaque explode no Agueré. O tempo salta: o vermelho de Xangô se funde ao azul de Oxóssi. Oxóssi surge no alto do cenário.)

STELLA: *(Olhando para trás, para a plateia.)* Tia Aninha me deu uma maçã vermelha do pé do santo. Eu guardei o segredo. Só eu ganhei a fruta. Meu tempo começou ali.

(Oxóssi faz um movimento firme, tensionando um arco invisível. A iluminação acompanha o "disparo": um feixe de luz azul cruza o palco. Ouve-se um toque agudo e estridente de percussão — o Agueré. O olhar de Stella muda

drasticamente, amadurecendo em milissegundos para a juventude da Flecha 2. Aqui, a assinatura é a própria flecha rasgando o ar. O som deve ser forte, preenchendo o ambiente, hiper-realista, seguido imediatamente por uma batida seca e violenta do Rum [o atabaque maior], marcando que o sagrado tomou o corpo.)

UMA FLECHA SÓ - TEMPO 2: O Adoxu e a Liberdade do Caçador

(A Iniciação e a Queda das Máscaras)

(A transição de tempo e espaço não usa cenário fixo. O quarto da menina órfã desaparece apenas com a mudança da iluminação e o uso da multimídia. As projeções nas paredes do teatro desenham as grades do terreiro e a sombra de grandes gameleiras. O feixe de luz azul disparado por Oxóssi na cena anterior corta o palco. O silêncio é quebrado por um golpe forte no atabaque Rum. No escuro, a voz de Stella reverbera, lúcida e madura, como um eco que rasga o tempo.)

STELLA (Voz em OFF / Projeção Sonora): A FÉ É A MAIOR LIBERDADE QUE O SER HUMANO POSSUI!

(Luzes em tons de âmbar e dourado acendem. Estamos no Ilê Axé Opô Afonjá, 1939. O clima é de fuxico de terreiro. Lizete [a prima curiosa] está espiando algo para fora da cena. Dona Arcanja [tia que a levou ao terreiro, imponente em seu posto

de Sobaloju] está arrumando umas palhas da costa. Dona Joaninha [governanta e amiga] entra, de braços cruzados, cética e preocupada.)

LIZETE: *(Cantando baixinho, depois para e olha em volta.)* A bença, tia Arcanja?! Bênção, Joaninha?!

DONA JOANINHA e DONA ARCANJA: Oxalá abençoe!

LIZETE: Mas me digam... As senhoras já viram a Stella? Menina, Maria Stella tá numa ximba que só vendo! Catorze anos e a bicha já vai raspar a cabeça? *(Fuxico.)* Lá em casa ela bota a gente tudo sentado na sala, fecha os olhos e fica dançando, caçando passarinho invisível no meio do tapete!

DONA ARCANJA: *(Com aflição contida e instinto materno.)* Dançando pra vento! Era o que me faltava! Eu passei a vida ensinando essa menina a fazer conta, a ter pé no chão, a ser alguém na vida, e agora ela vai raspar a cabeça? Catorze anos, Joaninha! Ela é órfã, precisa de um ofício, de um jaleco branco!

DONA JOANINHA: *(Com sabedoria cortante.)* Tá procurando encrenca com o homem do mato, Arcanja? A senhora é Sobaloju dessa casa, sabe muito bem: o branco do jaleco ela veste amanhã; hoje, ela veste o branco de Oxalá. O sangue de Maria Conibabê falou mais alto! O que é de baixo o vento espalha, e o que é de cima cai no colo de quem tem que segurar. Tia Aninha meteu a mão na gamela de Xangô e deu a maçã vermelha bem na mão dela! A marca tava feita.

LIZETE: *(Intrometendo-se, maravilhada.)* Agô! Agô de misericórdia... O povo lá fora ainda comenta a briga de cachorro grande! A ventania de Iansã puxando de um lado, e a flecha do Caçador fincada no chão do outro!

DONA ARCANJA: Iansã ventou, Lizete, mas o Caçador não soltou a caça. Odé bateu no peito e disse: "O Orí dessa menina é meu!".

(O toque dos atabaques muda repentinamente para o Agueré. A luz foca na entrada imaginária do barracão. Stella entra. Tem 14 anos, o olhar fixo e a respiração pesada. Oxóssi caminha atrás dela, como uma luz-guia dourada, empunhando o arco. O ambiente perde a leveza. Dona Arcanja dá um passo para trás, sentindo o arrepio do sagrado.)

LIZETE: *(Fugindo pra não virar.)*
Agô iyá! Olha aí, tia Arcanja... A Stella vai bolar! E eu fui!!!

(Oxóssi estica a corda do arco invisível. Quando ele "solta" a flecha, o som do atabaque explode. A "bolada" é transposta para uma convulsão física e poética. Stella rodopia, perde o eixo gravitacional, o corpo vai ao chão e levanta em solavancos. A luz estroboscópica e as projeções de "folhas de fundamento" transformam o espaço. Todos os atores recuam e caem de joelhos. É a capitulação do humano à força divina. O som é cortado abruptamente pelo tinir de um adjá [sino ritual]. O silêncio absoluto toma o teatro. Stella está prostrada no chão, em reverência. Todos no palco abrem caminho, abaixando a cabeça. Mãe Senhora entra. É a majestade em pessoa, filha

das águas doces, a terceira Yalorixá do Opô Afonjá.)

MÃE SENHORA: *(A voz imponente, viva, cortante.)* Mojubá aos que vieram antes de mim. Levantem os olhos. Olhem para o chão do Ilê Axé Opô Afonjá. A carne tomba, mas a alma levanta coroada.

Muitos vão olhar pra essa menina e ver apenas uma garota de 14 anos de cabeça raspada. Mas eu, Maria Bibiana do Espírito Santo, vejo o que o Tempo ainda vai escrever! Eu não crio filhos pra abaixar a cabeça pra esse mundo torto. Eu quero a minha gente grande! O saber do branco vai ter que sentar na mesma mesa que o saber dos nossos avós!

(Mãe Senhora circunda o corpo de Stella. Oxóssi está ao lado, guardando a cena.) Iansã brigou, mas quem caçou foi Odé. Ele tomou a cabeça da menina. E o Orixá não tem fronteira... O Orixá é a força vital que arde aqui dentro!

(Toca a cabeça de Stella com a doçura de Oxum). O Odú 6, caminho regido por Odé e Xangô, está no teu destino. Obará Meji! Xangô e Oxóssi caminham juntos na tua coroa. A maçã da gamela do Rei agora é tua, minha filha.

A partir de hoje, a menina silencia para que a caçadora fale. Levante, minha filha. Você não é mais Maria Stella. Ouve o mundo te chamar! Pois você é: o Caçador que traz a alegria!

MÚSICA: Jampepé, Yaô, embolonã! Yoô, embolonã!

Yaô, embolonã! *(Bis)*

(Stella levanta-se lentamente. Ela não tem mais o olhar assustado da menina órfã. A cabeça está raspada simbolicamente. Ela olha para Mãe Senhora, para as tias e, por fim, para Oxóssi. Oxóssi cruza a frente dela, dançando o Agueré. Ela se une a ele em um movimento sincronizado e impecável, empunhando um arco invisível. A dança cessa subitamente. Apenas um foco de luz isola Stella e Oxóssi do resto do elenco, que permanece nas sombras. Stella vira o rosto na direção em que sua Tia Arcanja está, no escuro.)

STELLA (Odé Kayodê): *(Voz embargada de emoção, mas profunda e assentada.)* Tia Arcanja... Sua bênção? A senhora me disse que a Bahia engolia os órfãos antes do meio-dia. A senhora me deu as sementes pra contar os tostões da pobreza. Eu não esqueci o seu escudo. Mas a senhora não viu que o meu pai, Esmeraldo, e minha mãe, Thomázia, nunca me deixaram só. A orfandade era só o oco do tambor esperando pra ser tocado.

(Ela olha para as próprias mãos, como se lesse o futuro.) Eu não sou mais a menina assustada do quarto escuro. O mato me deu colo. As folhas me deram nome. A maçã do Rei me deu destino. Hoje eu enterro Maria Stella pra que a Senhora da Escrita possa nascer. A Bahia não vai me engolir, tia. Eu é que vou escrever o nome da Bahia pro Tempo não apagar!

MÃE SENHORA: *(A voz imponente, viva, cortante.)*
Urunkó Yaô?

(A luz esfria. O som grave do atabaque silencia por completo. É um vácuo sonoro absoluto. Oxóssi, que durante toda a peça apenas se moveu como uma sombra protetora, dá um passo firme e para, frente a frente com Stella. Ele a encara. É o momento do batismo cósmico.)

OXÓSSI: *(Ele não usa a palavra profana. Ele rompe o silêncio do teatro com um brado ancestral, gutural e absoluto. É o dono clamando por sua coroa. Stella rodopia e pula.)*

ODÉ KAYODÊ!!!

MÚSICA após o nome: Agogô, mim faroaeô, Ô leiô!
Agogô, mim farô odara, Oluaê!

(Bis)

(*No exato milissegundo do grito, Oxóssi ergue o seu arco e dispara a sua única flecha invisível para o alto. O som ensurdecedor do vento sendo rasgado ecoa, seguido instantaneamente pela explosão dos atabaques no ritmo triunfal do Agueré. A energia da flecha atravessa o corpo de Stella. A menina órfã desaparece por completo. Ela caminha para a frente do palco com uma imponência assustadora, colocando-se lado a lado com seu Orixá. A luz explode em tons de azul e verde, banhando a plateia e fundindo as silhuetas do Caçador e da caçadora em um único ser. Black. O som dos atabaques não cessa, mas diminui o volume, transformando-se em um toque muito*

lento e profundo — um Igbin para Oxalá. Um foco de luz intimista acende na boca de cena. Mãe Senhora [Atriz 3] entra com uma postura de majestade e peso institucional. Ela segura em suas mãos um longo tecido branco [ojá]. Dona Arcanja [Atriz 1] está diante dela, com as mãos cruzadas em respeito).

MÃE SENHORA: *(Com voz aveludada, mas carregada de pragmatismo político.)* Arcanja, amanhã o sol nem vai ter raiado, e a Yaô já deve estar de pé. O branco deve estar impecável. Sem um vinco.

DONA ARCANJA: Sim, Mãe Senhora. A missa da alvorada no Bonfim.

MÃE SENHORA: *(Estendendo o tecido branco para Arcanja.)*Exato. Pegue este ojá. Amarre muito bem no pescoço dela. O quelê é a joia do nosso Rei, a marca do Caçador, e não é para bater no olho de quem não sabe os nossos fundamentos. A menina vai de cabeça baixa, no silêncio do resguardo.

DONA ARCANJA: *(Aflita, pegando o pano.)* A senhora sabe que ela tem o sangue quente das perguntas. Tenho medo de que a menina não entenda por que nós, filhas de Xangô, temos que amanhecer o dia batendo cabeça na porta do catolicismo.

MÃE SENHORA: *(Olha para Arcanja com a autoridade de quem carrega a sobrevivência de uma nação nas costas.)* Pois ela vai ter que entender. O tempo de brigar de frente ainda vai chegar

para ela, Arcanja. Mas no nosso tempo, agora, a polícia ainda ronda as nossas ladeiras procurando pretexto para levar nossos atabaques.

(Mãe Senhora aproxima-se de Arcanja, baixando o tom para uma confidência de líder.)

MÃE SENHORA: Nós não nos curvamos na igreja deles por submissão, Arcanja. Nós nos curvamos por inteligência. O sincretismo é a nossa capa. Nós vestimos o branco do Nosso Senhor do Bonfim para que o povo de candomblé não sangre nas ruas. Eles olham e veem a cruz... mas o nosso Orí está louvando o dono da nossa cabeça. É assim que a gente preserva a raiz. Leve a menina. E que a Yaô seja o retrato da pureza.

(Mãe Senhora recua lentamente para a penumbra, altiva e estrategista. Dona Arcanja segura o tecido branco, absorvendo a lição. A iluminação de Mãe Senhora se apaga.)

A ALVORADA DA YAÔ E A ESCADARIA DO BONFIM

(O palco vai ficando imerso em uma luz azul gélida, o vento frio das cinco da manhã na Bahia. Ouve-se o som distante de sinos de igreja se misturando com o canto dos passarinhos. As projeções mapeadas mostram a fachada da Igreja do Senhor do Bonfim se erguendo lentamente nas paredes da Sala do Coro. Entram em cena Dona Arcanja [sua tia e mãe-pequena no ritual], vestida com trajes de respeito, e Dona Joaninha, segurando uma vela apagada. Logo atrás delas, caminhando a passos miúdos e lentos, vem Stella [Odé Kayodê]. Stella veste

as roupas brancas de sua saída. Yaô impecável. No pescoço, o volume da joia sagrada [o quelê] está rigorosamente coberto e protegido por um ojá branco enrolado. A postura da atriz é de contenção máxima: a cabeça baixa, os ombros encolhidos, as mãos cruzadas à frente do corpo. O estado é de pureza e submissão total ao Orixá.)

DONA ARCANJA: *(Caminhando na frente, falando baixo, com a autoridade de quem ensina o caminho do Axé.)* Pise leve, Kayodê. O sereno da manhã ainda tá caindo e a primeira missa já vai começar. O chão da Colina Sagrada é de pedra, mas o seu pé tem que ser de pluma. Não fica balançando esse xaorô! Yaô não faz barulho, Yaô não esbarra em vento.

DONA JOANINHA: *(Olhando ao redor, atenta.)* E não olhe nos olhos de ninguém, viu? O povo da rua é curioso e a sua coroa ainda tá quente. O sagrado não é pra ser exibido, por isso o ojá tá aí bem amarrado. Proteja sua joia!

STELLA: *(A voz é quase um sopro, sem erguer o queixo.)* Tia Arcanja... Agô! Com licença da palavra... Se o meu fundamento foi feito no chão do Afonjá, por que a gente tem que vir pisar no chão da igreja do branco logo de manhãzinha?

DONA ARCANJA: *(Para de andar. Respira fundo, olhando para a porta da igreja.)* Porque o mundo lá fora ainda é deles, Yaô. Nossos mais velhos apanharam muito na porta dos terreiros. O branco de Oxalá teve que se esconder no manto de Nosso Senhor do Bonfim pra gente não morrer na chibata. É a missa da proteção.

A gente entra lá, abaixa a cabeça pra imagem deles, mas o Orí tá louvando o dono da nossa cabeça. É o jeito de a gente sobreviver e menos uma forma de gente preta ser vista como marginal!

(O som dos sinos bate mais forte. A luz do amanhecer ilumina a fachada projetada. Num impulso de curiosidade e indignação contida, Stella levanta o rosto bruscamente para encarar a torre da igreja. A respiração dela altera, o corpo dá um leve espasmo — o princípio de um barravento.)

DONA ARCANJA: *(Repreendendo no mesmo milissegundo, com um sussurro ríspido e cortante.)* Abaixe essa cabeça, Yaô! Oxe! O ojá tá enrolado no pescoço guardando o quelê pra quê? Pra você ficar procurando o céu com sangue no olho? Respeite a joia coberta de Oxóssi... Ou quer virar aqui no meio da escadaria da igreja?! Recolha sua emoção! Segure seu santo!

(Stella fecha os olhos, morde os lábios e abaixa a cabeça imediatamente, cruzando os braços com força para conter a energia da divindade. Dona Arcanja e Dona Joaninha seguem caminhando para o fundo do palco, desaparecendo na penumbra. Stella fica sozinha no foco de luz gélida. Ela leva a mão lentamente ao ojá que cobre seu pescoço. A luz da igreja vai sumindo. Stella levanta o rosto devagar para a plateia. A submissão desaparece. O olhar é de uma clareza intelectual assustadora.)

STELLA (Odé Kayodê): O meu pai Odé não nasceu na Capadócia. *(O som dos sinos do Bonfim se funde com o som de folhas secas sendo varridas e o atabaque que retoma o ritmo*

festivo. Stella retira o ojá em cena, marcando fisicamente o fim do resguardo, enquanto as luzes esquentam. O azul gélido dá lugar a um amarelo quente de sol a pino. O som de atabaque bate solto, em ritmo de festa e cotidiano de terreiro. Stella não usa mais o ojá no pescoço. Ela veste roupas de ração [dia a dia do terreiro], os cabelos já estão crescendo, e ela segura um caderno de anotações. O tempo do resguardo passou. Estamos na varanda do Ilê Axé Opô Afonjá. Lizete, a prima, está estendendo panos brancos num varal imaginário. Dona Arcanja está sentada, debulhando milho.)

LIZETE: *(Rindo.)* Menina, me acode! Eu fiquei achando que você ia fechar com aquele povo te chamando de "marrom"...

STELLA: *(Rindo.)* Eu mesma... você acha!? Eu confirmo... "Ah é, sou, sou marrom..."

LIZETE: *(Rindo.)* Ah... Stella! Fui lá no Mercado Modelo, e o povo tá fofocando que a missa de São Jerônimo este ano vai ser um estrondo! O padre já mandou lavar a escadaria. A Bahia inteira vai bater cabeça pra Xangô na porta do catolicismo!

STELLA: *(Fechando o caderno com um baque seco.)* Pois por mim o padre pode secar a água! Não tem cabimento uma coisa dessas, Lizete.

DONA ARCANJA: *(Parando de debulhar o milho, franzindo a testa.)* Começou a letrada! Lá vem você com essas ideias tortas da escola, Maria Stella! O que é que não tem cabimento?

STELLA: *(Caminhando pelo palco, cheia de energia e convicção.)* Não tem cabimento a gente louvar a realeza de Xangô escondidos debaixo da saia de São Jerônimo! O tempo da chibata no pelourinho já acabou, tia! Nós não somos mais escravos precisando disfarçar Orixá pra não apanhar da polícia. A nossa religião tem começo, meio e fim. Tem fundamento, tem raiz na África, não precisa pedir licença em Roma!

LIZETE: *(Sinal da cruz apressado, rindo de nervoso.)* Agô de misericórdia! Fala baixo, criatura! Vai que um raio de Santa Bárbara... Ô! De Iansã... De, oxente, sei lá de quem, cai aqui no meio do terreiro! Tu quer acabar com a tradição da Bahia, é?

STELLA: A tradição da Bahia é a resistência, Lizete, não a submissão! O sincretismo foi uma máscara que os nossos avós vestiram pra gente não ser exterminada. E eu agradeço a eles por isso. Mojubá a quem nos salvou! Mas a máscara já grudou no rosto! O povo vai ao Gantois dar comida a Oxum e depois corre pra dar esmola a Nossa Senhora da Conceição como se fosse a mesma coisa. Não é! A água do rio não se mistura com a água da pia batismal!

DONA ARCANJA: *(Levanta-se, autoritária.)* Olhe lá como você fala das coisas da Igreja, menina! Você é filha de Senhora, mas eu sou sua tia e Sobaloju dessa casa! Os mais velhos sempre fizeram assim. Vai querer ensinar o pai nosso ao vigário?

STELLA:
(Encarando a tia com respeito, mas sem recuar um milímetro.)

Eu não quero ensinar nada ao vigário. Eu quero é que o vigário fique na igreja dele e nós fiquemos no nosso Ilê! Eu vou procurar Mãe Senhora hoje mesmo. Eu vou dizer a ela: "Mãe, não tem mais lógica a gente rezar ladainha católica dentro do barracão de Xangô!". A fé tem que ser nua, tia Arcanja. Se a gente não tirar a máscara agora, o tempo vai apagar a nossa verdadeira cara.

(Dona Arcanja e Lizete ficam boquiabertas. Stella segura o caderno junto ao peito. Ouve-se um toque forte de Xangô [Alujá] ao fundo. A luz foca no rosto determinado de Stella. Ela se vira para caminhar em direção ao seu futuro. A luz escurece lentamente, finalizando o Tempo 2 e preparando o terreno para a transição do branco do terreiro para o jaleco branco da enfermagem, no Tempo 3.)

UMA FLECHA SÓ - TEMPO 3: O Branco do Cuidado *(A Enfermeira de Almas)*

(O teatro mergulha em um silêncio absoluto. No breu, apenas a projeção de uma luz azul pálida no teto. Antes de qualquer movimento, ouve-se a voz real e pausada de Mãe Stella, com a autoridade de quem já atravessou o deserto.)

STELLA *(Voz em OFF / Áudio Real)***:** "NINGUÉM É TÃO SÁBIO QUE NÃO TENHA NECESSIDADE DE SER UM ETERNO APRENDIZ."

(A luz acende. É a luz de um sol da tarde entrando pela fresta de uma casa humilde na periferia de Salvador. O som da

rua: crianças brincando longe, um rádio antigo, o barulho de água caindo numa bacia de zinco. A tecnologia multimídia nas paredes projeta ladeiras, casas de taipa e, sutilmente, as grades do Opô Afonjá fechadas em luto. Stella veste sua farda impecável de Visitadora Sanitária, segurando uma maleta. Ao lado dela, a colega Enfermeira Eunice. No centro, um casal que representa uma família periférica: uma mãe jovem segurando um recém-nascido imaginário em uma bacia e o marido, aflito. Música.)

VOZES EM SUSSURRO *(Coro - Efeito Surround)***:** Koya, koya, oluaê! Koya, koya,
Ô, oluaê! Koya, koya! *(Bis)*

STELLA: (*Ela ouve a música como se estivesse sendo chamada; se assusta e disfarça. Com a voz branda, está ensinando, com as mãos sobre a bacia d'água.)* Vocês ouviram isso? Oxe! É assim, minha filha. A água não pode estar nem fervendo nem fria demais. Tem que ter a temperatura do nosso próprio corpo. Agora, se ele estiver agoniado, você pode ralar um manjericão no banho, colocar uma alfazema, que acalma. O recém-nascido sente o mundo pela pele. O cuidado com ele começa na água e na limpeza do quarto. Uma casa asseada espanta a doença antes de ela entrar.

ENFERMEIRA EUNICE: *(Anotando na prancheta.)*
A senhora anote aí: amanhã, no posto, é dia de vacinação, imunização da criança. Não deixe passar a data da caderneta.

MÃE JOVEM: *(Olhando para Stella com admiração.)* A senhora tem uma mão tão leve, Dona Stella. Acompanhou minha gravidez toda, agora ensina a dar o banho, a acalmar, a cortar o cabelo do menino... Parece que a senhora não cuida só da saúde; cuida da alma e da família inteira.

MARIDO: Nós não tem nem como agradecer! Vocês me desculpa tá limpando aqui enquanto cês tão conversando...

STELLA: Oxente! Que nada. É pra deixar tudo limpinho mesmo!

(Sorri fraco, mas o sorriso se desfaz quando ela se levanta e se afasta um pouco da família. A dor do luto a atinge. Ela fala para Eunice, em tom de confidência.) Na saúde pública é assim, Eunice. A gente não fica presa no hospital só dando injeção em quem já tá sofrendo. A gente toma conta da casa, da roupa, da alimentação. Mas como é que a gente ensina a limpar a casa dos outros quando a nossa própria casa está às escuras?

ENFERMEIRA EUNICE: *(Sussurrando, preocupada.)*
O que foi que você estava ouvindo, Stella? Na hora que você falou, eu me arrepiei toda!

VOZES EM SUSSURRO *(Coro - Efeito Surround)***:** Koya, koya, oluaê! Koya, koya,
Ô, oluaê! Koya, koya! (Bis)

ENFERMEIRA EUNICE: *(Sussurrando, preocupada.)* Você ainda está sentindo o baque do luto de Dona Ondina, não é?

STELLA: *(Atordoada, tocando o próprio peito.)* Sete anos... Apenas sete anos de Mãezinha. Nem secou o chão do Axé pela partida de Mãe Senhora e a terra se abre de novo para levar Ondina. O que Xangô quer com esse silêncio tão comprido? O Afonjá parece um tambor furado... O couro não vibra, a mão não alcança. A espiritualidade está por um fio, e eu... A espiritualidade fica desconexa quando a raiz é cortada tão rápido. Eu ando pelas ladeiras dessa cidade cuidando de grávidas, vendo a vida nascer... mas, dentro de mim, eu só escuto o silêncio da morte.

(Neste momento, a estética começa a sofrer interferências por meio da multimídia. As projeções mostram os prontuários se desintegrando em cinzas de luto, enquanto imagens de Mãe Senhora e Mãezinha aparecem como sombras projetadas nas paredes da Sala do Coro, vigiando Stella.)

ENFERMEIRA EUNICE: Esse luto contínuo está te consumindo, minha irmã. Você não parece mais aquela enfermeira que chegava com o sol.

STELLA: *(Lentamente voltando a si.)* É o atordoamento, Eunice. Quando o Axé perde a cabeça, os filhos perdem o chão. Eu sinto como se estivesse caminhando embaixo d'água. É o luto de Senhora em cima do luto de Mãezinha... É muita saudade para um Orí só. Parece que o fio que me ligava ao Orun se partiu.

VOZES EM SUSSURRO *(Coro - Efeito Surround)***:** O aprendiz não escolhe a hora da lição... O Caçador escolhe a presa no meio do nevoeiro... Stella... Odé Kayodê... O Tempo é Agora!

(O marido que está limpando para a esposa.)

MARIDO: Essa receita aqui foi Mãe Maria de Oyá, lá do Ilê Axé Tajinã, quem me ensinou. Só atrai coisa boa pra nossa casa! Lá no terreiro dela tem um Babalossanha retado! Ele é até de Oxóssi!

(O marido joga um punhado de folhas de aroeira e alfazema dentro de um balde d'água para lavar o chão da casa humilde. O som das folhas caindo na água ganha um eco sobrenatural. A luz do ambiente oscila. Stella para, fecha os olhos e respira fundo, desestabilizada. O Coro de Atores canta para Ossaim.)

CORO: A irê condú, Ossanha! Irê condú moriô, ô!
A irê condú, Ossanha! Irê condú moriô, ô!

STELLA: *(Com voz trêmula.)* Vocês estão ouvindo? Estão sentindo isso?

ENFERMEIRA EUNICE: Isso o quê, Stella? É só o moço limpando o chão da casa.

STELLA: *(Andando devagar pelo palco, como se seguisse um rastro invisível.)* Não... Tem um cheiro de mato fresco. Um vento que não é daqui. Desde que eu saí do posto hoje de

manhã, eu ouço passos miúdos atrás de mim. Vozes que me chamam, mas, quando eu viro, não tem ninguém. Eu estou tão atordoada com esse luto que a minha cabeça está misturando o mundo de cá com o mundo de lá.

(A iluminação muda drasticamente. A casa humilde desaparece na penumbra. O verde-folha invade o palco. Oxóssi surge no fundo, silencioso, imponente. Ele empunha seu arco e aponta para Stella, marcando sua caça.)

VOZES EM SUSSURRO *(Coro - Efeito Surround)***:** Stella... A cadeira está fria... O couro do tambor secou... O Tempo é Agora...

MÃE JOVEM: *(Como se o Orixá falasse através dela, sem que ela percebesse o transe.)* Dona Stella... Quem sabe cuidar de uma criança que acabou de nascer sabe cuidar de uma nação inteira. A senhora não é só a enfermeira dessa rua. A senhora é a mãe que tá faltando.

STELLA: *(Recuando, assustada com a dimensão do que ouviu.)* Agô! Não fale o que você não sabe, minha filha!

VOZES EM SUSSURRO *(Coro - Efeito Surround)***:** Stella... A cadeira está fria... O couro do tambor secou... O Tempo é Agora...

STELLA: *(Numa crescente.)* A escolha? A espiritualidade está desconexa, a porta do terreiro está fechada! O mistério de Xangô tá guardado no fundo da peneira dos búzios! Eu sou apenas a funcionária pública... a sanitarista.

VOZES EM SUSSURRO *(Coro - Efeito Surround)***:** Stella... A cadeira está fria... O couro do tambor secou... O Tempo é Agora...

(Oxóssi bate o pé no chão com força. Um toque ríspido de Agueré [Oxóssi] corta o ar. Stella fecha os olhos, sentindo o peso do inevitável. Ela sabe que não pode mais se esconder atrás da maleta da enfermagem.)

STELLA: *(Para Eunice, já com a postura alterada, a voz ganhando a gravidade de uma sacerdotisa.)* Eunice, feche a maleta. O meu plantão terminou. Esse atordoamento, essas vozes... O oráculo vai ser aberto e todos os filhos precisam ouvir a determinação do Rei.

(Stella tira o lenço do uniforme e amarra na cabeça, em um gesto de respeito à sua ancestralidade. Ela olha para Oxóssi no fundo, aceitando o destino.)

STELLA: Vamos ouvir o Rei Afonjá.

(Blackout rápido. Fim do TEMPO 3)

UMA FLECHA SÓ - TEMPO 4: O Trono de Afonjá (A Sucessão)

(O teatro mergulha em uma penumbra densa e avermelhada. O cheiro de incenso e folhas toma conta do espaço. O silêncio é absoluto. A voz serena, madura e imortal de Mãe Stella ecoa do Orun para o Aiê.)

STELLA *(Voz em OFF / Áudio Real)***:** "TODOS NÓS PODEMOS SER IMORTAIS, CONTANTO QUE CUMPRAMOS COM COMPETÊNCIA E ALEGRIA A FUNÇÃO QUE NOS FOI DESTINADA."

(O palco se ilumina em tons de fogo e cobre — Xangô. No centro, uma grande esteira de palha. Sentado nela, com a imponência de um verdadeiro rei, está o Babalaô Professor Agenor Miranda. Ao seu lado direito, a Iaquequerê Eutrópia; ao esquerdo, o Açobá Deoscóredes Dos Santos, O Mestre Didi. Os músicos tocam um ritmo de candomblé muito lento, percussivo e tenso. O Coro de Atores está espalhado pelas laterais. Stella está no meio deles, de cabeça baixa, descalça, vestida com o branco do preceito. O Secretário Fernando Vasquez dá um passo à frente e fala DIRETAMENTE PARA A PLATEIA, transformando o público do teatro nas 136 testemunhas históricas.)

FERNANDO VASQUEZ *(Secretário)***:** *(Com um livro de atas nas mãos, voz projetada.)* Aos dezenove dias do mês de março de mil novecentos e setenta e seis! Presentes cento e trinta e seis pessoas neste barracão. Solicito que todos se aproximem da mesa onde será realizado o jogo para a escolha da futura Yalorixá. Antes que o jogo seja iniciado, o professor Agenor Miranda, Babalaô e filho de Mãe Aninha, fará uso da palavra!

(Silêncio absoluto no teatro. Apenas a respiração dos atores. Professor Agenor levanta os olhos da peneira de búzios e fita a plateia e o elenco. A atuação deve ser de um realismo cortante.)

PROFESSOR AGENOR MIRANDA: *(Com a segurança e a franqueza que lhe eram peculiares.)* Eu não estou aqui para ser agradável a quem quer que seja. Eu sei que muitos dos presentes já fizeram sua escolha em segredo... Porém eu estou aqui para cumprir a determinação de Xangô!

(Ele levanta o tom, autoritário.)

E advirto a todos os filhos e filhas, Obás e Ogãs, e a todos vinculados a este Axé: a vontade de Xangô é Lei! É sagrada! E sua escolha, caia sobre quem cair, terá de ser acatada e respeitada por todos! A filha que for escolhida não deverá se deixar levar pelo coração e deverá, sim, agir com justiça e sabedoria, promovendo a união de todos, e, acima de tudo, ter pulso forte para manter a hierarquia... doa em quem doer!

(Agenor senta-se no centro da esteira. Ele pega o punhado de búzios. A iluminação foca inteiramente nas mãos dele e no rosto de Stella no fundo do palco. Ele lança os búzios na peneira. O som ecoa forte pelo teatro. Ele lê o destino.)

PROFESSOR AGENOR MIRANDA: Ejionilê! *(Ele recolhe, pausa, lança de novo. A cada lançamento, um surdo bate como uma pulsação cardíaca.)*

PROFESSOR AGENOR MIRANDA: Odi!... *(Lança.)*... Oxé!... *(Lança.)*... Ossá!

(Agenor respira fundo. O suor escorre. O mistério se adensa.

Ele junta os búzios com as duas mãos, eleva à altura da testa e lança com força na peneira. Ele arregala os olhos, lendo a realeza no oráculo.)

PROFESSOR AGENOR MIRANDA: *(A voz vibra com a descoberta.)* Ejilaseborá! A justiça de Xangô apresentando Oxóssi!

(Stella levanta a cabeça pela primeira vez. A respiração dela ofega. Oxóssi aparece atrás dela, invisível aos outros, empunhando o arco. Agenor faz o último lançamento.)

PROFESSOR AGENOR MIRANDA: Ofum! Trazendo o Orukó de... Odé! Ossá e Oxê... É a determinação de Xangô! Se houver algum Oluô neste recinto que saiba ler búzios, que se aproxime e conteste! *(O silêncio reina. Ninguém contesta. Agenor faz um sinal com a cabeça para o Açobá Mestre Didi.)*

MESTRE DIDI *(Açobá)***:** *(Levanta-se segurando um Orobô — fruto sagrado de Xangô. Ele olha para o alto.)* Obanixé Kaô Kabiesilé! O senhor das pedreiras confirma a coroa?!

(Ele parte o Orobô e lança no chão. Os atores olham as metades.)

CORO: Alafiá! *(Confirmação aberta.)*

MESTRE DIDI: *(Lança a segunda vez para fechar a sentença.)* Kaô Kabiesilé!

CORO: Alafiá!

(Mestre Didi não recua imediatamente. Ele se abaixa, toca a terra com profunda reverência e recolhe as metades do fruto sagrado. Quando ele se ergue, sua postura não é apenas a de um homem, mas a de um guardião milenar. Ele fala com a autoridade do Alapini e do artista que molda o sagrado.)

MESTRE DIDI: A terra respondeu! Eu, Deoscóredes, Açobá deste Axé e filho do ventre de Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, passo os meus dias dobrando a nervura da palmeira, costurando o couro e bordando búzios para dar rosto ao que é invisível. Eu moldo a natureza para que os homens vejam os Orixás... Mas a coroa que Xangô acaba de forjar no oráculo de hoje, mão humana nenhuma seria capaz de esculpir! (Ele ergue as metades do Orobô para o alto, em transe litúrgico.)

MESTRE DIDI: O mistério ligou a raiz ao céu! Os nossos ancestrais estão de pé, batendo palmas neste barracão! A palavra do Rei está selada e a obra está pronta!

PROFESSOR AGENOR MIRANDA: *(Fica de pé, com os olhos varrendo a multidão.)* Quem nesta casa atende pelo nome de Odé Kayodê?

(A iluminação vermelha de Xangô que banhava o palco é cortada subitamente por um canhão de luz verde e azul gélido que incide diretamente sobre Stella. O atabaque explode numa polirritmia alucinante, dobrando compulsivamente o coro. Reverência máxima. Mas a luz no barracão "congela" em câmera lenta. O som do atabaque é abafado bruscamente pelo

som de uma respiração ofegante e passos correndo. O foco de luz sai de Stella, que permanece "congelada" na aceitação do trono no Afonjá, e ilumina a outra ponta do palco. A iluminação ganha tons de ouro vibrante, e o som de águas mansas correndo invade o teatro. Sentada em uma cadeira majestosa, com um sorriso doce, mas um olhar de oceano, está Mãe Menininha do Gantois. Atrás dela, movendo-se com a leveza e a realeza das águas doces, está a Orixá Oxum, segurando seu abebé [espelho dourado]. A presença da Orixá banha a Yalorixá de brilho e calma. Dona Milta, irmã de Stella, entra correndo, desesperada, chorando, rompendo a placidez do ambiente.)

DONA MILTA: *(Caindo de joelhos aos pés de Mãe Menininha, com a voz embargada.)* Mãe Menininha! Pelo amor de Deus, a senhora tem que dar um jeito! A senhora é a Yalorixá mais respeitada dessa Bahia... A senhora tem poder pra interceder!

(Sons de água e toque de ijexá. As calmas águas e o perfume doce da Oxum.)

CORO: Nhenhenhein, Nhenhennhen, xorodô! Nhenhenhein, Nhenhennhen, xorodô!
Oluemá, xorumá, fefé, xorodô!
Nhenhenhein, Nhenhennhen, xorodô! Nhenhenhein,
Nhenhennhen, xorodô!

MÃE MENININHA: *(Que lançou perfume de alfazema pelo espaço. Com a fala mansa, acolhendo as mãos da mulher*

desesperada, enquanto Oxum a cobre de proteção.) Calma, minha filha. O que foi que lhe tirou o prumo desse jeito?

DONA MILTA: *(Chorando.)* O jogo de búzios lá no Afonjá, Mãe! Xangô apontou pra Stella! A minha irmã! Ela é só uma enfermeira, uma mulher que cuida de doente! O peso do Opô Afonjá é do tamanho do mundo! Aquela coroa vai esmagar os ombros da minha irmã! Imploro pra senhora... Dê um jeito de tirar essa responsabilidade das costas dela!

MÃE MENININHA: *(O sorriso doce desaparece, dando lugar a uma autoridade ancestral insuperável. Ela solta as mãos de Milta e fala com doçura, mas com a firmeza de um raio.)* Isso não é comigo, Milta. Isso é com os Orixás. Acha que Xangô entrega sua casa a quem tem os ombros fracos? Eles sabem que Stella tem força. Eles a conhecem antes mesmo de ela nascer. Volte pra sua casa e chore de alegria. O mistério não se desfaz, o mistério se coroa.

DONA MILTA: *(Abaixando a cabeça, derrotada pela verdade, falando para a plateia enquanto se levanta e recua.)* Quando ela disse isso, eu vi que era um poder maior. Um poder que não escuta o choro humano. E ali, ajoelhada, eu só consegui me lembrar dos versos de Camões que a gente lia em casa: "Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta...". Eu vi que não podia fazer nada. A minha irmã já pertencia à eternidade.

(Milta sai de cena em silêncio. A luz foca inteiramente em

Mãe Menininha e Oxum. Oxum aproxima-se de Menininha, refletindo o rosto da Yalorixá em seu espelho dourado. É o momento em que a matriarca revela seu próprio peso. Enquanto Mãe Menininha está sentada, as paredes do teatro começam a projetar sombras e recortes de jornais antigos: imagens de atabaques sendo apreendidos, grades de delegacias e vultos da repressão policial dos anos 20. Oxum move-se ao redor de Menininha, mas não apenas dança; ela entrega à Yalorixá pétalas de flores brancas e água de uma quartinha dourada.)

MÃE MENININHA: *(Inicia o gesto de dispersar água e pétalas pelo ar, como se estivesse limpando as imagens de perseguição que surgem nas paredes.)* Entendo o pavor de Milta. Quando os Orixás me chamaram em 1922, eu balancei. O medo era um bicho que morava no meu peito. Carregar as aflições do povo em silêncio... não é fardo pra ombro fraco.

(As projeções mostram policiais invadindo terreiros. Menininha levanta-se com a ajuda de Oxum, encarando as imagens com um sorriso cortante.)

MÃE MENININHA: Eu vi a polícia apagar nossas luzes e levar nossos tambores. Mas eu aprendi com as águas: a doçura também dobra o ferro. Eu abria a porta do Gantois e sorria: "Venha ver nossa tradição, doutor". Cobri meu Orí na missa para que ninguém sangrasse no barracão. Nós não nos curvamos... Nós sobrevivemos!

(Ela faz um gesto largo com a mão esquerda, como se "apagasse" as projeções de violência. As paredes agora mudam para imagens de livros, escritas e luz.)

MÃE MENININHA: Mas o tempo de Stella é outro. O Afonjá agora entrega o trono a uma mulher que não pede licença. Ela vai sentar naquela cadeira para exigir que o mundo engula a nossa ciência. O meu reinado foi o da sobrevivência... O de Odé Kayodê será o da escrita e da palavra.

(Oxum derrama as últimas gotas de água sobre as mãos de Menininha em sinal de bênção.)

MÃE MENININHA: A coroa é pesada, mas Xangô não escolhe ombro fraco. Que o fogo da justiça abençoe a nova rainha.

Música:
Yalodê, irê, Yalodê Yá, ô!
Yalodê, Yalodê Yá! Yalodê, Yalodê Yá! *(Bis)*

(Elas dançam. A luz dourada de Oxum pisca e se apaga. O foco volta imediatamente para o centro do barracão do Afonjá, onde o Secretário Fernando Vasquez retoma sua fala em êxtase litúrgico para o grande final do Tempo 4.)

FERNANDO VASQUEZ (Secretário): *(Gritando para a plateia, em êxtase litúrgico.)* Comunico aos presentes que, por vontade e determinação de Xangô, fora escolhida para ser a quinta Yalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá... MÃE STELLA DE OXÓSSI!

Obanixê Kaô! Kabiecile! Obanixê Kaô! Kabiecile! Obanixê Kaô! Kabiecile!

(O Coro de Atores — e, instintivamente, o público — aplaude de pé e responde à saudação ao Rei. As palmas se misturam ao toque dos atabaques. Dona Arcanja, com o rosto banhado em lágrimas, caminha até Stella e se curva. Stella levanta o rosto. Ela não está assustada; o atordoamento do Tempo 3 passou. Ela tem a serenidade das rainhas. Ela dá um passo à frente. Oxóssi se coloca majestosamente atrás dela, cruzando seu arco com um machado [Oxê] projetado em luz vermelha acima da cabeça da Yalorixá. É a união imbatível da mira do Caçador com a Justiça do Rei.)

STELLA (Odé Kayodê): *(Olhando para o alto, a voz potente cortando os atabaques.)* A caça terminou. Eu aceito a coroa do Rei.

Música: *(Alujá)*

Para lá, quinipá! Para lá, quinipá! Para lá, quinipá!
Quinipá, quinipá, quinipaô! Para lá, quinipá!
Para lá, quinipá! Para lá, quinipá!
Quinipá, quinipá, quinipaô!

(Alujá para Xangô. A iluminação vermelha e grandiosa do terreiro é engolida por um foco de luz amarelada e intimista. No telão, imagens da vida de Stella dos tempos de enfermagem numa transição de rompimento. Estamos no quarto de Stella. O silêncio é pesado, cortado apenas pelo som de roupas sendo

dobradas. Stella está no centro do foco. Ela não usa mais as roupas ricas do barracão; usa uma camisola branca simples. Sobre uma cama imaginária, há uma mala aberta. Com extrema lentidão e reverência, ela dobra o seu jaleco branco de enfermeira e o guarda dentro da mala. Em seguida, ela olha para a própria mão e, devagar, retira a aliança de casamento do dedo. O ator que faz Inocêncio de Azevedo [sugiro o Ator 1, que traz o peso da maturidade] entra no foco de luz. Ele está atônito, com a postura de um homem que acaba de perder o seu mundo.)

INOCÊNCIO: *(A voz embargada, contendo a revolta e a dor.)* Então é assim, Maria Stella? O jogo de búzios cai, o povo bate palma, a festa acaba... e a nossa vida inteira é guardada numa mala antes do amanhecer?

STELLA: *(Sem olhar para ele imediatamente, segurando a aliança na mão.)* Inocêncio, não torne o peso da pedra de Xangô mais difícil do que ele já é. O destino não pede licença pra entrar na nossa casa.

INOCÊNCIO: *(Aproximando-se, gesticulando, tentando trazer a razão ocidental para a cena.)* Mas que destino, Stella? Nós somos uma família! Nós temos uma casa, uma história! Jorge Amado e Zélia Gattai estavam no altar apadrinhando o nosso casamento! Você é uma enfermeira, uma funcionária pública com trinta anos de carreira! Você vai jogar trinta anos de profissão, o nosso teto e a nossa aliança fora por causa de uma cadeira de madeira no Afonjá?!

STELLA: *(Ela se vira para ele. Os olhos estão marejados, mas a postura já é inquebrável. Ela não é mais a esposa; ela é a Yalorixá.)* Eu não estou jogando fora. Eu estou entregando a quem é de direito. A mulher que casou com você, a enfermeira Maria Stella de Azevedo Santos, morreu ontem no chão daquele barracão.

(Ela caminha até ele e coloca a aliança na palma da mão dele, fechando os dedos do marido com carinho ancestral.)

STELLA: A coroa que desceu sobre a minha cabeça não divide o Orí com um marido humano. Eu não posso guiar os filhos de uma nação inteira se eu estiver presa às obrigações da nossa sala de jantar. Inocêncio... O meu jaleco branco cuidou do corpo do povo por trinta anos. Agora, Xangô me chamou para curar a alma. Eu fui escolhida.

INOCÊNCIO: *(Com lágrimas nos olhos, apertando a aliança.)* E o que sobra de Inocêncio nessa história? O homem que a rainha deixou pra trás?

STELLA: *(Toca o rosto dele com a doçura de quem se despede do mundo civil.)* Sobra a honra de ter caminhado ao lado da caçadora antes de ela entrar na mata fechada. Siga o seu caminho em paz, meu amor. Porque o meu casamento agora... é com o Axé.

Música:
Fará, lele, fibô! Odé, fibô!
Fara, euá, coché, omorodé! *(Bis)*

(Stella vira as costas e fecha a mala com um estalo seco. Inocêncio recua lentamente para as sombras, desaparecendo, engolido pelo tempo e pela história. Oxóssi emerge da penumbra atrás de Stella. Ele não carrega mais a delicadeza. Ele bate o pé no chão. É a cobrança divina do foco absoluto. Uma Yalorixá não olha para trás. Stella levanta a cabeça, assumindo a solidão da liderança. O som do atabaque sobe em ritmo de guerra e ativismo. A iluminação congela nessa imagem suntuosa de poder, ancestralidade e triunfo negro. O som é ensurdecedor. BLACKOUT ABRUPTO.)

UMA FLECHA SÓ - TEMPO 5: O Escudo da Palavra *(O Ativismo*)

(O teatro escurece. O silêncio é rasgado pelo som de flashes de câmeras fotográficas e pelo bater frenético de máquinas de escrever. A voz em off de Mãe Stella ecoa, cortante e absoluta.)

STELLA *(Voz em OFF / Áudio Real ou Projeção Sonora)***:** "ORIXÁ É ORIXÁ, SANTO É SANTO."

(O PALCO DO MUNDO [O EMBATE EM NOVA YORK - III Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, em 1986, em Nova York, Estados Unidos]. A iluminação abre branca. As projeções na Sala do Coro mostram manchetes de jornais gringos e a silhueta de Nova York. No centro, um púlpito cercado de microfones. Stella veste a majestade de uma Yalorixá: batas ricas e seu fio de contas. Ela está cercada por

três jornalistas, que apontam gravadores e disparam flashes. A cena é rápida, um verdadeiro interrogatório. Oxóssi está ao lado do púlpito, como o segurança espiritual da rainha.)

JORNALISTA 1: Mãe Stella, a sua presença aqui em Nova York, na III Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, chamou muita atenção. O que a Yalorixá do Opô Afonjá traz do Brasil para o mundo?

STELLA: *(Com a voz assentada, dominando os microfones.)* Eu não vim pedir tolerância. A tolerância é a esmola que dão a quem é visto como menor. Eu vim à III Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura, de 1986, em Nova York, Estados Unidos, assinar um documento pedindo a separação definitiva das religiões! O povo de candomblé precisa se libertar das asas da Igreja Católica.

JORNALISTA 2: *(Interrompendo, incisiva.)* Mas a senhora está rompendo com séculos de história da Bahia! O sincretismo não é a essência do povo baiano?

STELLA: *(Encara a jornalista, apontando o dedo com firmeza.)* O sincretismo foi a nossa máscara de sobrevivência. Os mais velhos fizeram isso pra não morrer na chibata. Mas a chibata já caiu! Se você for ver as características de Santo Antônio e de Ogum, você vai ver que não é a mesma coisa. São Jorge não é Oxóssi! Santo Antônio existe, o Espírito Santo existe, Buda existe, cada um na sua formalidade de verdade. Mas Orixá não aceita devoção pela metade!

(As projeções de Nova York se desfazem em folhas de papel caindo. O som dos flashes muda para o som de atabaques em um ritmo de revolta [um toque de Iansã ou Exu, quebrando a ordem]. Os jornalistas se afastam, mas um Repórter Jovem permanece. Um Jovem de Terreiro entra em cena de cabeça baixa, vestindo uma camisa que esconde seus fios de contas, retraído pelo racismo do mundo.)

REPÓRTER: *(Caminhando atrás de Stella, com um tom de acusação.)* A senhora exigiu a separação. Mas as críticas não vêm só da Igreja, Mãe Stella! Os ortodoxos do candomblé acusam a senhora de traição! Dizem que publicar um livro sobre os fundamentos nagôs é entregar o nosso segredo para a prateleira do branco! O que a senhora tem a dizer à velha guarda que a condena por escrever?

STELLA: *(Ela para bruscamente. O atabaque cessa. A tensão vai ao limite. Ela não declama para o ar; ela vai para cima do Repórter, soberana.)* A velha guarda guardou o segredo na cabeça porque era o único cofre que o feitor não podia arrombar! Mas, hoje, o que não vai para o papel o preconceito apaga! Eu não estou entregando o candomblé para o branco... Eu estou devolvendo a dignidade para os meus filhos!

(Ela tira das mãos de Oxóssi um livro físico. Em vez de erguer o livro para a plateia como um troféu vazio, ela caminha até o Jovem de Terreiro, que está de cabeça baixa. A ação é íntima e poderosa.)

STELLA: *(Falando com o rapaz, mas calando os críticos.)* Eles queriam que você continuasse assim: de cabeça baixa, escondendo sua fé debaixo da camisa pra poder arrumar um emprego.

(Ação: Stella desabotoa o primeiro botão da camisa do rapaz e puxa o fio de contas [a guia] dele para fora, deixando à vista de todos. O rapaz levanta a cabeça, com o olhar mudando de medo para orgulho.)

STELLA: *(Para o Jovem e para o Repórter)* Vejam a diferença! Antes, o nosso povo tinha vergonha. Agora não! Você tem a coragem de dizer: "Eu sou do candomblé"! E isso valoriza você, valoriza nossa cidade, valoriza o nosso Estado e valoriza o Axé! *(Ela entrega o livro firmemente nas mãos do Jovem.)*

STELLA: Leve. O segredo agora tem escudo.

(O Jovem sorri, levanta o livro e cruza o palco com a postura de um rei. O Repórter recua, sem argumentos, baixando o gravador. Stella fica no centro. Ela venceu a Igreja e venceu os críticos no intelecto e na atitude. Oxóssi aproxima-se dela, bate a base do arco no chão com força, validando o ato. A iluminação foca apenas em Stella, soberana, enquanto o som de uma máquina de escrever se mistura ao toque triunfal do Agueré. BLACKOUT RÁPIDO.)

UMA FLECHA SÓ - TEMPO 6: A Escrita da Eternidade *(O Legado)*

(O teatro mergulha em uma escuridão estrelada. O som de uma máquina de escrever ecoa lenta e compassadamente, fundindo-se com o som do vento batendo nas folhas das gameleiras. A voz imortal de Mãe Stella domina a Sala do Coro, profunda e inquestionável.)

STELLA *(Voz em OFF / Áudio Real)***:** "SE NÃO REGISTRA, O VENTO LEVA."

(A iluminação revela uma ambientação da biblioteca do Ilê Axé Opô Afonjá, contemporânea e ancestral. As paredes do teatro projetam estantes infinitas que misturam livros clássicos com búzios e folhas. No centro dessa biblioteca, sob um canhão de luz zenital, está a Cadeira de número 33 da Academia de Letras da Bahia. Stella caminha até ela com passos lentos, amparada por Oxóssi.)

STELLA: *(Toca o encosto da cadeira de madeira nobre. Sorri com uma ironia sábia.)* A cadeira número trinta e três. Hoje, a filha dos escravizados senta no lugar do poeta que chorou por eles. Esta cadeira não pertence apenas a uma academia; ela pertence a esta escola, a este chão. Trinta e três... Três mais três é seis. É Obará. A conta da fartura que transbordou do meu Orí para as mãos destas crianças. O destino tem uma matemática que o racismo não alcança.

(A Atriz 3 entra em cena. Ela não é mais Lizete ou a Mãe Jovem. Ela entra como a própria Tânia Toko na década de 1990/2000. Ela para na frente do palco e fala diretamente ao público.)

TÂNIA TOKO *(Personagem)***:** A primeira vez que eu conheci Mãe Stella foi no jogo de búzios. Eu cheguei ali, no terreiro dela, com as pernas tremendo. Eu não sabia se estava entrando num templo ou num pedaço da África que o mapa esqueceu de registrar.

STELLA: *(Lentamente, como se despertasse de uma lembrança querida, olha para a atriz.)* Ô, menina... Estava te esperando. Entre. Peça seu Agô.

TÂNIA *(Personagem)***:** *(Aproxima-se, ajoelhando-se com respeito.)* Sua bênção, minha mãe. Meu nome é Tânia Regina.

STELLA: *(Abre um sorriso largo, genuíno.)* Tânia Regina? Imagine só! Eu tenho uma parente com o mesmo nome! Tânia Regina... Seja bem-vinda à família, minha filha.

TÂNIA *(Personagem)***:** *(Sentando-se na esteira imaginária em frente a Stella.)* Mãe, eu vim buscar o meu caminho. Há muito tempo me disseram que eu era de Ogum com Iansã. Eu vim pra senhora confirmar.

(Stella faz o gesto de jogar os búzios. Ela olha para o chão, fica em silêncio por alguns segundos, uma pausa tensa.)

STELLA: *(Recolhendo os búzios, com aquele olhar que atravessa a alma.)* É... A conversa com a vida foi boa. Vá em paz.

TÂNIA *(Personagem)***:** *(Levanta-se, um pouco confusa, mas*

grata. Caminha até a "porta" imaginária. Quando vai sair, Stella a chama.)

STELLA: Ô, menina! Venha cá. Você é dessas de Xangô com Oxóssi, viu?

TÂNIA (Personagem): *(Para a plateia, emocionada.)* Naquele momento, eu entendi tudo. Ela me escolheu. Porque ela é de Oxóssi e o terreiro é de Xangô. Naquele dia, a flecha me acertou no meio do peito. Eu entrei para a família Afonjá.

(O som de atabaques em ritmo de Amalá começa suave ao fundo.)

Música:
Afonjá! Afonjá! Firimam, baisô!
Firimam, Firimam, Firimam baisô!
(Bis)

TÂNIA TOKO *(Personagem)***:** *(Tânia Toko aproxima-se de Mãe Stella e deita-se no chão para tomar a bênção. Enquanto está deitada, ela estica a mão e "futuca" o pé de Stella discretamente.)*

STELLA: *(Dando uma risada gostosa, sacudindo levemente o pé.)* Ô, menina levada! Deixe meu pé em paz, Tânia Toko. Opaió!

TÂNIA TOKO *(Personagem)***:** *(Levanta-se rindo, falando para o público.)* Essa era a nossa relação de amor eterna. Uma rainha, uma imortal da Academia... que ria quando a filha brincava com o pé dela na hora do santo.

(Stella estende a mão e Tânia a beija. Stella levanta-se da cadeira, e Tânia a ajuda, fundindo-se agora ao Coro, que entrará para a Ode dos Livros.)

STELLA: Não se esqueça, minha filha: aquilo que não se registra, o tempo apaga.

(*Ela se senta na cadeira. Imediatamente, a iluminação do teatro explode em tons de dourado e branco. As paredes do teatro [projeções multimídia] transformam-se em uma grande galeria de arte. Imagens em preto e branco de grandes personalidades da cultura e da política nacional começam a surgir, acompanhadas por vozes em off, como ecos do passado, prestando reverência à Rainha.)*

VOZ EM OFF (JORGE AMADO): "Salve mãe Stella em seu trono do Axé Opô Afonjá!"

STELLA: *(Olhando para a projeção de Jorge Amado, respondendo com afeto e autoridade.)* Meu irmão Jorge... O ateu que acreditou em Oxóssi! Você foi o Ministro da Justiça de Xangô nesta terra. Meu irmão... Se hoje o meu povo não precisa pedir licença à polícia pra bater tambor, foi porque usamos a caneta como escudo. A África nos deu a raiz, mas foi nesta biblioteca que fizemos a árvore dar sombra para o mundo inteiro!

(A imagem de Jorge Amado se desfaz em folhas de outono e a imagem do fotógrafo/pesquisador Pierre Verger surge na parede, com o som do clique de uma câmera antiga.)

VOZ EM OFF (PIERRE VERGER): "A sabedoria de Mãe Stella ultrapassou o mar. A África reconheceu a sua Rainha devolvida."

STELLA: *(Sorrindo para a imagem de Verger.)* Fátumbi! Quando fomos juntos à República do Benin, eu vi que a semente que arrancaram de lá floresceu ainda mais forte do lado de cá do oceano. A África nos deu a raiz, mas foi a Bahia que fez a árvore dar sombra pro mundo inteiro!

(As projeções das personalidades desaparecem suavemente. Dos quatro cantos do teatro, como se saíssem das estantes projetadas, os Cinco Atores do Coro avançam. Eles se movem com a leveza de espíritos encantados. Eles são a "Palavra Registrada". Eles são as obras de Mãe Stella de Oxóssi.)

ATOR 1: *(Ajoelhando-se aos pés de Stella.)* O vento tentou levar a nossa lei, mas a senhora cravou a nossa fundação na pedra. Eu sou o manual dos seus filhos. Eu sou "Meu Tempo é Agora".

ATRIZ 2: *(Colocando a mão suavemente no ombro dela.)* O vento tentou apagar a memória das antigas matriarcas, mas a senhora contou ao mundo a grandeza de quem nos fundou. Eu sou "E Daí Aconteceu o Encanto".

ATOR 3: *(Cruzando os braços em reverência ancestral.)* O vento tentou silenciar a sabedoria das nossas folhas. A senhora provou que a natureza fala, respira e ensina a viver no mundo. Eu sou "Epé Laiyé — Terra Viva" e "O Que as Folhas Cantam".

ATRIZ 4: *(Sorrindo com a sabedoria dos mais velhos.)*
O vento tentou calar a voz da África na Bahia. A senhora reuniu a filosofia dos nossos avós para que nenhuma criança negra ande sem conselho. Eu sou "Owé — Provérbios".

ATOR 5: *(Posicionando-se de forma heroica.)* E o vento tentou esconder o dono da sua coroa, mas a senhora escreveu o nome do Rei das Matas em letras de ouro, pro mundo inteiro reverenciar! Eu sou "Òsósi — O Caçador de Alegrias"!

(Os atores formam um círculo ao redor dela, exatamente como no Prólogo, mas agora não há transe, não há desespero. Há glória. A menina órfã foi cercada pelo escudo que ela mesma forjou: sua literatura. A iluminação ganha contornos épicos. Oxóssi avança para o centro da roda. O som dos atabaques e clarins sobe em um crescendo contínuo. Stella levanta-se lentamente da Cadeira 33. O fardão da academia se abre, revelando seus fios de contas brilhando intensamente.)

STELLA *(Odé Kayodê)***:** *(A voz não soa mais como humana, soa como ancestralidade. É o monólogo final.)* Quando a África foi arrancada de si mesma e trazida nos navios, disseram que nós não tínhamos alma. Disseram que nós não tínhamos Deus. Disseram que nós não tínhamos História!

(Ela aponta para os atores/livros.)

Pois olhem para o nosso povo agora! Olhem para o chão do Afonjá! Olhem para a República do Benin, onde pisei recebida

como líder religiosa! Nós não apenas sobrevivemos à chibata... Nós reescrevemos a biblioteca do mundo!

(Ela caminha até a beira do palco, olhando diretamente nos olhos da plateia, que representa o futuro.)

STELLA: Tia Arcanja me disse que a Bahia engolia os órfãos antes do meio-dia. Mas a Bahia não me engoliu. Eu mastiguei o racismo com os dentes da sabedoria! Fui a enfermeira que cuidou da carne, fui a Yalorixá que guiou a alma e fui a Imortal que registrou o segredo!

Meu tempo foi o agora. A flecha cruzou os ares. O que eu tinha de semear na Terra, a Terra já comeu e já deu fruto.

(Oxóssi se posiciona exatamente atrás de Mãe Stella. Ele eleva seu arco. A luz estroboscópica retorna, mas não causando o espasmo do Tempo 2. Ela cria o efeito mágico de que Stella e Oxóssi estão se fundindo em um único ser. A mulher se transforma em Orixá diante dos olhos do público.)

STELLA: *(Gritando para a eternidade.)* Eu não morro! Eu me encanto! Porque aquilo que não se registra... o Tempo apaga. Mas aquilo que a gente crava no peito do povo... o Tempo eterniza! Okê Arô!

CORO: Aê, aê, a gama,
A gama de Orixá. Aê, aê, a gama,
A gama de Olorum. *(Bis)*

(O Coro canta para Oxalá — a canção que os Orixás retornam ao Orun. Oxóssi solta a corda do arco. O som ensurdecedor de uma flecha cortando o vento rasga o teatro. Não há alvo físico sendo atingido. O som da flecha sobe em direção ao infinito, ecoando no Orun. Uma chuva de folhas de papel (com textos e provérbios escritos) e folhas verdes de Ewé cai lentamente do teto do teatro sobre Mãe Stella, iluminada por um canhão de luz dourada. A música sinfônica atinge seu acorde mais glorioso e corta abruptamente para o silêncio absoluto.

BLACKOUT TOTAL.)

FIM.

Mapa de elenco *(exceto os protagonistas que são fixos)*

ELENCO FEMININO (4 Atrizes)

1. Atriz 1 (Perfil: Força, Autoridade e Rigor)
- Tempo 1: Dona Arcanja (A tia rigorosa).
- Tempo 2: Dona Arcanja (Sobaloju do Afonjá).
- Tempo 3: Enfermeira Eunice (Colega de profissão).
- Tempo 4: Mãe Menininha do Gantois (A autoridade matriarcal).
- Tempo 5: Jornalista 1 (Imprensa inquisidora em NY).
- Tempo 6: Coro das Folhas (Representa o livro "Meu Tempo é Agora").

2. Atriz 2 (Perfil: Acolhimento, Maternidade e Leveza)
- Tempo 1: Mãe Aninha (A fundadora) e Dona Joaninha (A

governanta).

- Tempo 2: Lizete (A prima fofoqueira).
- Tempo 3: Mãe Jovem Periférica (Paciente de Stella).
- Tempo 4: Orixá Oxum (Presença etérea ao lado de Menininha).
- Tempo 5: Jornalista 2 / Acadêmica.
- Tempo 6: Coro das Folhas (Representa o livro "E Daí Aconteceu o Encanto").

3. Atriz 3 (Perfil: Intensidade, Juventude e Conflito)

- Tempo 1: Mãe Senhora / Ossidagã (O fascínio) e Milta (A irmã criança).
- Tempo 2: Mãe Senhora (A Yalorixá que inicia Stella).
- Tempo 3: Paciente do posto médico (Movimentação de cena).
- Tempo 4: Dona Milta (A irmã desesperada na sucessão).
- Tempo 5: Fotógrafa (Cena das entrevistas).
- Tempo 6: Tânia Regina Jovem (Encontro com Mãe Stella) / Coro das Folhas (Representa o livro "Owé – Provérbios").

4. Atriz 4 (Base Percussiva e Vocal / Coro)

- Esta atriz é uma das 4 pessoas com base musical focada no candomblé.
- Tempo 1: Cânticos de infância / Percussão leve.
- Tempo 2: Irmã de Barco / Yaô (Canta e toca os ritmos sagrados).
- Tempo 3: Sonoplastia viva (Sons da rua, batimentos, vozes).
- Tempo 4: Povo de Santo / Egbé (Faz o coro e a base rítmica do jogo de sucessão).
- Tempo 5: Percussão urbana / Som de máquinas de escrever.
- Tempo 6: Coro das Folhas / Guardiã do Som final.

ELENCO MASCULINO (4 Atores)

5. Ator 1 (Perfil: Sapiência, Ancestralidade e Firmeza)
- Tempo 1: Pai Cosme de Oxum (O Oluô da profecia).
- Tempo 2: Irmão de Barco / Yaô.
- Tempo 3: Médico do Posto de Saúde.
- Tempo 4: Professor Agenor Miranda (O Babalaô do jogo de búzios).
- Tempo 5: Repórter Crítico.
- Tempo 6: Coro das Folhas (Representa o livro "Epé Laiyé").

6. Ator 2 (Perfil: Proteção, Tradição e Juventude)
- Tempo 1: José (O irmão protetor).
- Tempo 2: Irmão de Barco / Yaô.
- Tempo 3: Paciente em cena de espera.
- Tempo 4: Mestre Didi / Açobá (A confirmação do mistério).
- Tempo 5: Jovem de Terreiro (Aquele que recupera o orgulho).
- Tempo 6: Coro das Folhas (Representa o livro "O Que as Folhas Cantam").

7. Ator 3 (Base Percussiva / Personagens de Apoio)
- Este ator é o segundo pilar dos instrumentos.
- Tempo 1: Ogan / Percussão (O clima da casa).
- Tempo 2: Alabê (Ritmos de iniciação, Agueré).
- Tempo 3: Marido Periférico (O homem que atrai o transe com as ervas) / Retorna para a percussão.
- Tempo 4: Fernando Vasquez (O secretário da sucessão) / Ogan de Xangô.
- Tempo 5: Fotógrafo / Percussão rítmica (flashes).
- Tempo 6: Coro das Folhas (Representa o livro "Òsósi – O

Caçador de Alegrias") / Percussão final.

8. Ator 4 (Base Percussiva Principal / Personagem-Chave)

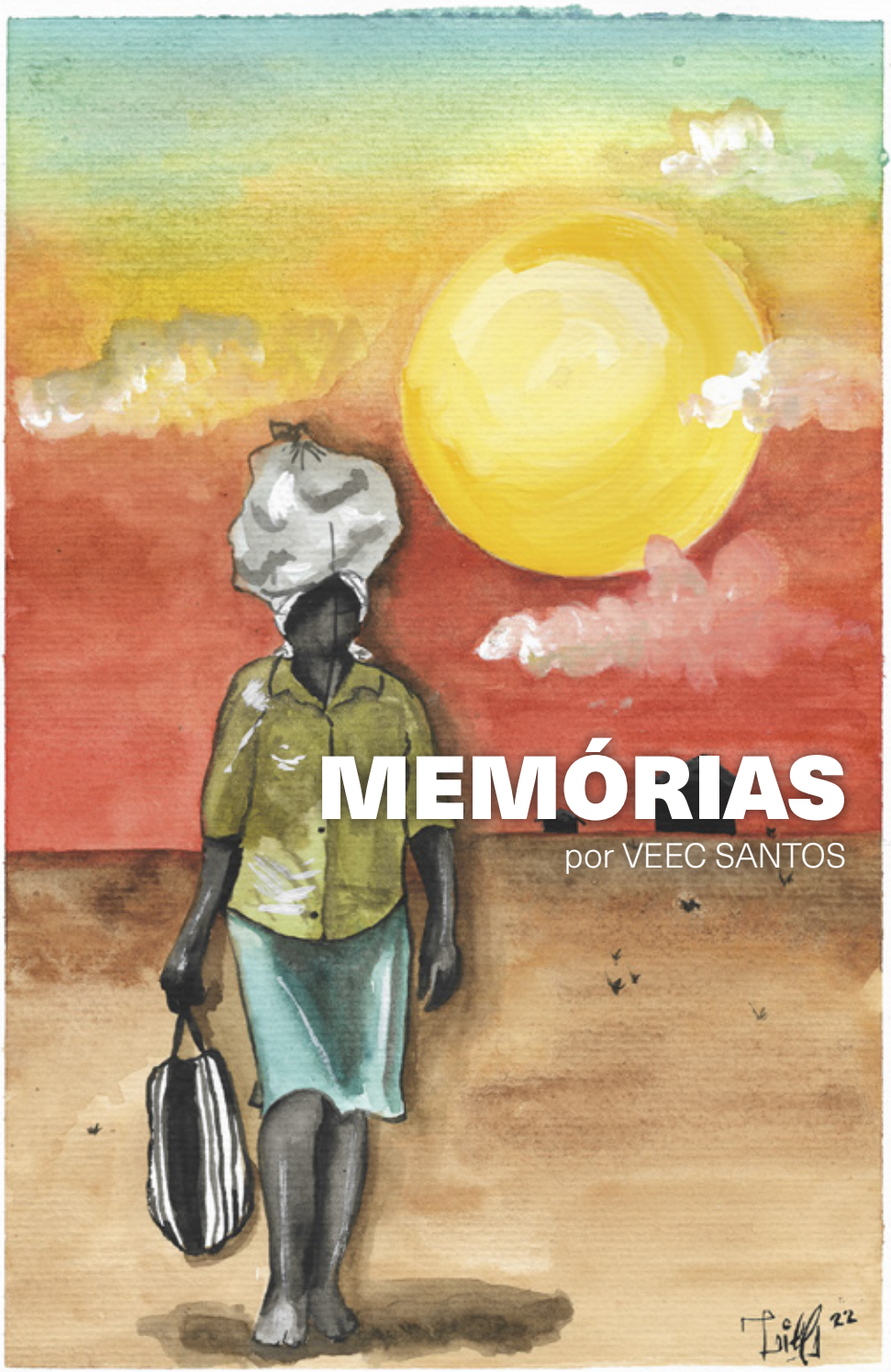
- Este ator é o terceiro pilar musical, mantendo a pulsação do espetáculo.
- Tempo 1: Ogan principal / Toques de fundamento.
- Tempo 2: Alabê principal (Comanda a roda).
- Tempo 3: Criação da ambiência sonora do hospital e transe.
- Tempo 4: Inocêncio de Azevedo (O marido). Ele sai dos atabaques, entra na cena dramática para entregar a aliança e se despedir e volta para os tambores.
- Tempo 5: Percussão urbana contemporânea (Nova York).
- Tempo 6: Guardião do Som (Comanda o Alujá e o Agueré de encerramento).



TOM MACHADO

Tom Machado, Omorixá Odé Gimalê do Terreiro Ilê Axé Tajinã, é ator, professor, produtor e dramaturgo. Mestre em Artes Cênicas e doutorando em Educação pela UFBA, desenvolve trabalhos que articulam ancestralidade, pesquisa e memória negra em uma perspectiva decolonial.

Em sua trajetória artística, concebeu e protagoniza o aclamado monólogo *1798 – Lucas Dantas:* Um Herói de Búzios, apresentado em turnês pelo Brasil e por Angola. Com 30 anos de carreira, é ator fundador da Cia. de Teatro Gente e reúne trabalhos no audiovisual para TV Globo, Netflix e Amazon.
Recebeu o Prêmio Braskem de Teatro, em 2006, e foi indicado a Melhor Ator Coadjuvante no LABRFF (Los Angeles, 2024) e na primeira lista do Prêmio Grande Otelo, em 2026, pelo longa-metragem *Café, Pepi e Limão*.


MEMÓRIAS
por VEEC SANTOS

MEMÓRIAS

por VEEC SANTOS

INTRODUÇÃO:

A doença de Alzheimer é degenerativa e progressiva, não tem cura e atinge em sua maioria os idosos. Iniciei a pesquisa sobre Alzheimer um ano depois que minha avó havia sido diagnosticada com a doença. Pouco tempo depois eu escutei, junto com minha mãe, a música "Onde Morrem os Elefantes", de autoria do cantor Marcello Gugu. Ele canta sobre o Alzheimer e sua relação com a família. Foi então que busquei ajuda da minha segunda mãezinha, a dra. Eliane, que é geriatra. Conversamos sobre os estágios e sobre as dificuldades. Foi assim que iniciei a escrita dramatúrgica, produzindo inicialmente apenas ações performáticas e, em seguida, desenvolvendo a história de forma que, no texto, o leitor pudesse imaginar e desenhar em sua mente o conteúdo artístico. É um tema importante para mim e penso que outras pessoas também podem se interessar por ele. Em suma, essa é minha forma de compartilhar um pedaço da minha pesquisa sobre relações familiares e sobre o não dito.

PERSONAGENS:

PABLO - NETO
LURDES - AVÓ

"Toda a minha vida eu acumulei memórias — elas se tornaram, de certo modo, os meus bens mais preciosos."
Alice Howland - Para Sempre Alice.

ATO 1

Dona LURDES está sentada em uma cadeira, vestida com um roupão. Está descalça e balança os pés para frente e para trás. PABLO entra com uma cadeira e a posiciona em cena. Volta, busca uma tigela e uma jarra. Ele despeja a água da jarra dentro da tigela.

PABLO: O doutor disse que é degenerativo. Eu nem sei o significado.

LURDES: DE-GE-NE-RA-TI-VO, que provoca degeneração, perda ou decaimento de qualidade, mudança para um estado pior que o atual.

PABLO: Ela sempre dizia que estava bem quando alguém perguntava...

PABLO vai até um instrumento posicionado próximo à cadeira ao fundo da cena.

LURDES: Eu tô bem!

PABLO: {...} E ela amava Caetano, Gilberto, Elis Regina, era fã da Beija-Flor de Nilópolis, mesmo que nunca tivesse pisado na Sapucaí, e ainda sambava como se vivesse para isso. Eu tocava quando dava para ela ouvir. Era um instrumento velho que mal parava afinado, mas ele ajudava a preservar algumas memórias.

PABLO começa a arriscar no som.

LURDES: É seu?

PABLO: É seu!

LURDES: É, sim!

PABLO: Lembra?

Um breve tempo, um respiro.

LURDES: Lembro, sim. Eu preciso tomar banho.

PABLO se levanta e posiciona o instrumento ao fundo da cena mais uma vez. LURDES ocupa o lugar na cadeira e começa a conversar com PABLO, que volta em seguida.

LURDES: Eu já te contei que eu tinha um filho?

PABLO: Já, sim, já me contou.

LURDES: Era meu único filho, meu amor maior. Você sabe onde ele está?

PABLO olha para os olhos de LURDES e logo depois retoma a postura inicial.

PABLO: Sei não. Sei não...

PABLO caminha até LURDES, prende seus cabelos, retira a parte de cima do roupão e começa a cantarolar enquanto molha a esponja e esfrega as costas de LURDES, já com as costas nuas.

LURDES: Essa música... é uma música bonita.

PABLO: Meu pai cantava pra mim quando eu era pequeno.

LURDES: Meu filho gostava muito dessa música.

PABLO: Gostava, sim!

LURDES: Essa água tá morninha, tá boa, eu gosto. Canta mais?

PABLO se mantém calado, passando a esponja nas costas de LURDES, que começa a ficar eufórica. Com um sorriso no rosto, ela segura a mão de PABLO, forçando-o a olhar para ela.

LURDES: Canta mais, Orlando. Queria que você cantasse mais. Sinto tanto sua falta.

PABLO: Quer me ajudar?

LURDES pega a esponja e começa a esfregar o braço, enquanto PABLO se posiciona perto dos pés dela para lavá-los.

LURDES: Orlando, faz tempo que a gente não se fala, filho. Eu queria te dizer... Na verdade, eu não queria dizer nada, não. Eu só queria ouvir sua voz. Filho? Eu estou com saudade, sabe? É... Como está o Pablo? Ele já tá grandinho, né? Ele está estudando? Vai ser doutor esse menino. Vai ser doutor ainda esse menino!

PABLO levanta, pega a esponja da mão de LURDES, que o

acompanha com os olhos enquanto ele coloca as duas esponjas dentro da vasilha e leva para fora de cena.

PABLO: Quer tomar seu remédio?

LURDES faz que sim. PABLO sai.
LURDES arruma a roupa e começa a se vestir.
LURDES olha para a plateia e começa a conversar com as pessoas como se fossem visitas em sua casa.

LURDES: Que bom que veio. Ah, quanto tempo! Saudades de você. Como tá a família? E o trabalho? Deus abençoa, que bom que veio! Quanto tempo! Saudades. E como você está? E a família? O trabalho, como vai? Ah, faz tanto tempo... Eu queria te mostrar uma coisa, quer ver? Ah, mas vou te mostrar, vou mostrar, sim. Faz tempo, que bom que veio. Quanto tempo!

LURDES repete frases, fala sempre como se fosse uma grande surpresa.

LURDES: Ah, você está aí... Te fiz esperar? Olha o que eu tenho aqui.

LURDES mostra um álbum grande. Em seguida, começa a folheá-lo.

LURDES: Ai, que saudades. Que bom que veio! Olha... Eu amo ver fotos, deixa eu mostrar umas aqui.

O foco de LURDES se apaga. O foco é em PABLO, que se posiciona perto do telefone, à frente do palco.

PABLO: Mãe? Tudo bem?

O foco de LURDES volta aos poucos enquanto ela fala, agora virada para a sua esquerda.

LURDES: Essa aqui eu lembro que era Carnaval. Orlando tava com uma roupinha de leão linda, olha!

O foco de LURDES se apaga mais uma vez.

PABLO: A vovó está bem? Aconteceu alguma coisa?

LURDES agora está virada de costas para a plateia.

LURDES: Ai, o Natal... Eu amo o Natal. Eu sempre cozinho nessa época.

LURDES observa a foto com carinho e abraça o álbum. Seu foco se apaga.

PABLO: Mas ela está bem?

O foco de LURDES se acende mais uma vez.

Ela agora está virada para PABLO.

LURDES: Me faz bem cozinhar.

PABLO se vira para LURDES e retoma a ligação.

PABLO: Mas não tem ninguém pra ficar com ela, não?

LURDES joga o álbum no chão e as luzes se apagam; só se ouve sua voz agora.

LURDES: Hoje sou só eu e meus fantasmas; pelo menos não fico sozinha. É importante guardar memórias.

Silêncio.

PABLO: Mas eu não tenho tem(po)... Eu não posso parar minha vida por...

O foco de PABLO se apaga.
Ouve-se LURDES falando.

LURDES: Por isso... Por isso eu gosto das minhas plantas.

As luzes se acendem e PABLO entra em cena carregando um vaso com uma samambaia seca.

LURDES está sentada roendo as unhas. Quando PABLO entra, ela se vira eufórica.

LURDES: Filho?!

PABLO a encara com olhar fixo. Silêncio.

PABLO: Vó, eu esqueci dessa planta, acho que ela está morta.

LURDES levanta e começa a caminhar até PABLO.

LURDES: *Morta?*

LURDES vai até a mesa.

LURDES: Filho, você nunca foi bom com plantas, não é?

Ela está tão morta quanto você, filho. Olha, é melhor tirar essas folhas secas...

Deixa eu te ajudar. Busca um pouco de água pra mim?

PABLO toma a frente da planta.

PABLO: Ela está morta! Eu já disse, é melhor jogar fora!

LURDES: Você jogaria um filho fora? Você me jogaria fora se eu estivesse doente?

PABLO fica estático.

PABLO: Vó...

LURDES: Deixa eu cuidar dela. Me dá aqui. Pega água.

PABLO se afasta.

LURDES pega o vaso de planta e começa a falar para si mesma.

LURDES: Nem tudo está perdido, sabe?!

PABLO: Vó...

LURDES: Às vezes, a gente se confunde pensando que algo que

se encontra seco e fraco já deve estar morto, mas tudo guarda tanta memória... As plantas sentem tanto também, meu filho...

PABLO: Vó, você...

LURDES: Quando você era novinho, passou muito mal. Sempre teve o coração fraco. Quando você foi pro hospital pela primeira vez, eu achei que não sairia dali com vida. E me diz, filho, eu te joguei fora?

PABLO: Vó... A senhora lembra o que aconteceu?

LURDES continua ignorando o que PABLO diz.

LURDES: Filho, eu não te joguei fora! E olha... você está tão vivo! Fico tão feliz que veio me visitar. E como está o PABLO? Saudades... Tem tanto tempo que não o vejo.

PABLO: Vó, o papai não está mais com a gente.

LURDES para e coloca as mãos sobre a mesa.

PABLO: Ele morreu há dois anos. Teve um ataque do coração... Ele morreu... como o vovô.

PABLO se aproxima de LURDES e toca seu ombro, que estremece.

PABLO: Eu não sou meu pai, vovó.

LURDES: Eu sei.

PABLO: Sabe?

LURDES passa a mão sobre o próprio rosto e respira fundo.

LURDES: Eu sei o que eu posso fazer! Vou pegar adubo. Fica aí, já volto.

LURDES vai até o álbum que deixou no foco. PABLO diz para a planta.

PABLO: Ela tem um coração que... Ele bate em um ritmo decorado, ele bate por impulso, é desejo de vida que ela tem. Ela assombra o próprio corpo com memórias que vêm e vão, eu... Eu não sei o que eu faço... Eu...

LURDES retorna ao lado de PABLO, entregando-lhe o álbum.

PABLO: O que é isso, vó?

LURDES: Adubo.

PABLO: O quê?

PABLO abre o álbum e passa por umas fotos.

PABLO: O que é isso? São fotos do seu casamento?

LURDES: É o que eu coloquei na beira da minha cama para alimentar meu sono.

PABLO: Tem os nomes... São anotações?

LURDES: São memórias que eu não posso esquecer, filho. É o que me alimenta.

PABLO: Vó, eu já te falei que...

LURDES: Olha o meu vestido. Ele era tão bonito... As cores... Como ele definia o meu corpo... Eu queria ter ele pra sempre.

PABLO: Não tem mais?

LURDES: A gente nunca tem nada para sempre, filho.

PABLO: Quem é esse?

LURDES: Não reconhece?

PABLO: É meu...?

LURDES: É Orlando.

PABLO: Meu pai jogava futebol?

LURDES: Ele era o maior perna de pau que eu já vi... Mas eu o assistia em todos os jogos.

PABLO: Você se lembra dos jogos?

LURDES: Eu vejo essas fotos todos os dias. Tem gente que eu não conheço mais, gente que se foi, gente que mudou, gente que me odeia sem lembrar por quê... Tem gente que eu queria abraçar. Eu só queria...

PABLO: Você está bem?

LURDES: Estou, sim. Quer um bolo? Eu queria fazer um bolo, mas acho que não tem ingredientes suficientes.

PABLO: A gente pode comprar um.

LURDES: Não é a mesma coisa. É como isso aí.

PABLO: O álbum?

LURDES: As memórias... artificiais... Eu não lembro da emoção do casamento, senão pelo meu sorriso na foto. Não lembro da textura do vestido e do sabor dos doces. Eu não lembro quanto tempo faz... Eu não lembro da dor do parto, eu não lembro quando tudo ficou assim, aconteceu... Eu não lembro de quando perdi contato com Orlando, eu não lembro nem...

PABLO: Vó...

LURDES: Eu lembro de você pequeno. Eu tenho uma foto, olha!

PABLO: Eu estava pelado, vó.

LURDES: Você estava puro. Era você e o ar que lhe vestia... Era você! E só você... Seu pai te amava tanto.

PABLO: Ele te amava também, vó.

LURDES: Ele tinha um coração fraco, porém grande. Cabia um mundão.

PABLO: Cabia.

Eles ficam em silêncio por um tempo. PABLO segura as mãos de LURDES.

LURDES: Como aconteceu?

A música invade a cena enquanto LURDES e PABLO conversam.

LURDES: Esfarelar... As memórias me fazem esfarelar a cada segundo. Confusão misturada com a vontade de saber o que acontece. Eu já não sei onde ficam as coisas da minha casa... Eu não me recordo das memórias, senão por fotografias velhas. Meu desejo é engolir cada foto para ver se as memórias ficam aqui dentro, bem aqui dentro, sabe? Não é como esquecer a senha do cartão ou esquecer a panela no fogo... Não é como esquecer a chave de casa. É pior. É como colocar a chave dentro de uma gaveta trancada. Então a chave fica lá dentro, mas ninguém tem acesso.

LURDES fica sozinha em cena sentada.

LURDES: Esse é o som do silêncio. O silêncio é música também. A música que mais gosto vem depois... É calmaria. Eu não sei quanto tempo tive ou tenho, se é que tive ou terei. Mas aqui dentro... eu sei que vai estar gravado cada momento. O calendário já não existe pra quem sente.

PABLO volta com o vaso. A planta parece estar mais viva.

PABLO: Olha, vó, ela está voltando à vida.

LURDES: Quem?

PABLO: A planta, vó, que você cuidou na semana passada.

LURDES: Planta, semana passada?

PABLO: Você está bem?

LURDES: E por que não estaria? Essa planta está morrendo, né?

PABLO: Nem tudo que parece morto por fora está morto por dentro, não é, vó?

LURDES fica em silêncio, admirando.

PABLO: Você que me ensinou isso.

LURDES: Eu ensinei...

LURDES observa o espaço.

PABLO: Você está bem?

LURDES: E por que não estaria? Essa planta está morrendo, não é? Acho que tive um déjà-vu.

PABLO: Senta aqui, vó, vamos conversar. Quer que eu toque uma música?

LURDES: Quero... Eu queria uma que esqueci o nome.

LURDES cantarola Leãozinho.

PABLO: É a música que papai cantava.

LURDES: É? E cadê ele? Chama pra vir cantar com a gente. Eu faço um bolo.

LURDES levanta.

LURDES: Será que tem todos os ingredientes?

PABLO: A cozinha é pra lá!

LURDES: Pede para ele trazer ovos? Acho que não tem ovos. Eu queria ter uma galinha para ter ovos aqui sempre.

PABLO: Vó, meu pai não pode vir.

LURDES: Ele está ocupado, não é?

PABLO: Está, sim...

LURDES: Você está bem?

PABLO: Tô, sim. Por que não estaria?

LURDES: Que bom. Sabe o que está faltando aqui? Música.

PABLO: Vó.

LURDES: O quê? Tá tudo bem?

PABLO sai de cena. LURDES pega uma tigela e uma fôrma. Põe a fôrma sobre uma mesa enquanto mexe com uma colher de pau o interior da tigela.

LURDES: Pablo, onde está você? Pablo? Cadê esse menino?

A voz de PABLO surge de fora da cena.

PABLO: Eu tô aqui, vó!

LURDES: Vem aqui, menino. Eu preciso da sua ajuda!

PABLO: Agora, vó? Eu tô brincando.

LURDES: Pablo, eu já falei... Preciso da sua ajuda! Depois você brinca.

PABLO: Vó, agora não...

LURDES: Vou contar até três... Um... dois...

PABLO: Tá bom, vó, tô indo.

LURDES: A gente tem que terminar isso aqui antes do seu pai vir te buscar.

LURDES entrega um pote para PABLO.

PABLO: Como que passa a manteiga? É nojento.

LURDES: Deixa que eu unto.

LURDES pega a fôrma e começa a untar.

PABLO: É bolo de quê?

LURDES: Bolo de amor.

PABLO: Tem cheiro de cenoura.

LURDES: Tá, talvez eu tenha colocado duas ou três cenouras aí dentro.

LURDES continua untando a travessa enquanto PABLO entra correndo, vestido com um paletó.

PABLO: Cheiro de gás! Vó!?

LURDES se assusta com os gritos. PABLO atravessa o palco de uma ponta à outra enquanto LURDES fica desorientada.

PABLO: O que você está fazendo? Eu falei para não mexer no fogão. Você deixou o gás ligado.

LURDES: O gás? Eu deixei? Eu estava tentando fazer um bolo... Eu queria fazer um bolo.

PABLO: Quer um bolo? A gente pede pra fazer, a gente compra... Não precisa.

LURDES começa a ficar nervosa. Passa de assustada para irritada.

LURDES: Eu não posso fazer minhas coisas? Eu sei fazer! Eu

posso fazer minhas coisas.

PABLO: Pode fazer, sim, mas não mexer no fogão... Quase colocou fogo na casa.

LURDES: Eu não coloquei fogo em nada, você quase colocou.

PABLO leva para fora de cena a travessa e a tigela.

LURDES: A gente vai sair?

PABLO: Eu tenho uma entrevista agora, preciso ir rápido.

LURDES: Eu vou com você.

PABLO: A senhora não pode ir comigo... É uma entrevista.

LURDES: A senhora está no céu e eu vou, sim. Eu limpei sua bunda quando era pequeno, por que não iria para uma entrevista?

LURDES começa a se arrumar com roupas da lateral do palco.

PABLO: Você não vai!

LURDES: Você não manda em mim!

PABLO: Eu já disse... Você vai ficar aqui!

LURDES: Eu vou! Eu vou com você, Orlando!

PABLO se exalta.

PABLO: Para de me chamar de Orlando. Meu pai morreu! Você não vai. Vai ficar aqui. Chega!

Os dois se encaram por um tempo, LURDES se senta. Silêncio. LURDES olha para sua frente com olhar vazio.

LURDES: Leva o guarda-chuva, vai chover.

PABLO sai de cena, deixando LURDES sozinha.

LURDES começa a respirar fundo, olhando para a plateia.

LURDES: Sozinha... Ele é grandinho... A gente cria filho pro mundo, né? Mas ele não é meu filho. Eu lembro que não é, né?! Meu filho... morreu...

LURDES começa a repetir a última parte do texto como se quisesse absorver.

Ela observa que o guarda-chuva ficou.

LURDES: Ele esqueceu o guarda-chuva!

Blackout.

Acendem-se as luzes. LURDES está no centro do palco, com o guarda-chuva fechado.

PABLO entra com um regador, sobe em uma cadeira e começa

a regar LURDES, enquanto ela conversa com a plateia.

LURDES: O pior é não saber para onde ir. Existem vários caminhos e todos eles levam ao esquecimento. E eu, que antes fazia da minha memória cimento para construção, hoje me torno a própria bola de demolição de mim mesma. Eu não sei lidar comigo mesma. Já estive em linha de frente pela busca de direitos... Hoje não posso lutar nem por mim. Afinal, quem é que luta?

Blackout.

Ainda com as luzes apagadas, a voz em off de PABLO é ouvida. Ele fala ao telefone.

PABLO: Alô? Ela saiu? Onde ela está? Na igreja? Ela está muito molhada? Eu precisei sair, tinha uma entrevista... Eu estou indo buscá-la, obrigado.

PABLO entra com LURDES em cena. Ela mantém os passos lentos.

PABLO: Eu pedi pra você ficar aqui. Por que saiu?

LURDES: Eu fui à igreja. Tinha missa hoje.

PABLO: Hoje é quarta, vó, não tem missa. Vem! Vamos trocar essa roupa.

LURDES: A gente vai sair? Tá bonito, vou me arrumar também.

PABLO: Vou sair não, vó. Eu estava em uma entrevista de emprego.

LURDES: Que maravilha! Conseguiu?

PABLO: Não sei, acho que não.

PABLO pega uma toalha e algumas roupas de LURDES enquanto ela fala com ele.

LURDES: Não preocupa não, menino. Eu vou pegar uma encomenda semana que vem. Eu sou costureira.

PABLO: É mesmo, dona Lurdes?

LURDES: É, sim, eu vou cuidar de você.

PABLO começa a secar o cabelo de LURDES.

PABLO: Vai cuidar de mim mesmo?

LURDES: Vou, sim. Não vou deixar você sozinho. Você não me deixaria, não é, filho?

PABLO: Vó... Sobre hoje cedo...

LURDES: O que tem hoje cedo?

Eles se olham durante alguns segundos. PABLO engole seco e continua.

PABLO: Esquece... Vai trocar essa roupa molhada.

PABLO entrega as roupas nos braços de LURDES.

LURDES: Esqueço, sim.

PABLO olha para LURDES e sorri.

PABLO: Vou pegar algo quente para você beber.

PABLO sai e LURDES começa a tirar a roupa.

LURDES: Retirar as roupas se tornou para mim o mais comum... mesmo no local mais incomum. Mas o que é comum pra mim, que não sigo uma rotina "normalizada"? Se não reconheço nem minhas roupas muito usadas, se não tenho tanto o pudor de me trocar seja lá qual for o lugar?

Trago aqui dentro memórias... Minha pele também guarda memórias. Sou como dona de uma casa forte cheia de cofres: guardo tudo, mas não tenho acesso a nada.

LURDES começa a se vestir com a mesma roupa molhada.

PABLO vem chegando com uma xícara, um rodo e um pano. Ele começa a secar o chão molhado.

PABLO: Trocou de roupa já?

LURDES: Eu não quero essa roupa, não! Ela tá molhada.

PABLO olha as roupas secas no chão e se vira para LURDES.

PABLO: Estão molhadas? Experimente aquelas ali... Devem estar secas.

LURDES: Verdade. Mas será que ninguém vai achar ruim, não?

PABLO: Vai não. Fica tranquila. Se alguém falar algo, a gente sai correndo.

LURDES: Não vou vestir. Não sei de quem é essa roupa seca. Essa daqui não demora a secar.

PABLO: Vai secar no seu corpo?

LURDES: Vai, eu sou quente.

PABLO: Opa! Se a senhora estiver quente, deve ser febre! Vou te levar no hospital. Veste aquela roupa ali que vamos lá.

LURDES: Eu já fui.

PABLO: Já? Que horas?

LURDES: Não lembro. Mas hoje estou superbem e com saúde intacta. PABLO ri e pega as roupas secas no chão.

PABLO: Que maravilha! Temos que comemorar, então. Veste essa roupa que comprei pra você. É um presente por estar bem!

LURDES pega a roupa e a abre, olhando-a de cima a baixo.

LURDES: Comprou onde? No bazar? Parece roupa de velha.

PABLO: Cavalo dado não se olha os dentes, dona Lurdes.

LURDES: Isso não é um cavalo, é roupa. Nem sabe o que é um cavalo. Eu sei andar a cavalo.

LURDES entrega a roupa para PABLO.

PABLO: Vamos fazer o seguinte? Se você vestir essa roupa, eu te dou sorvete!

LURDES: Está achando que eu sou uma criança? E, além do mais, eu tenho diabetes.

PABLO: Desde quando?

LURDES: Desde sempre. Me leva embora... Tô cansada de ficar aqui.

PABLO: Te levar para onde?

LURDES: Pra minha casa. Vamos! Eu não quero ficar aqui. É estranho demais... tem coisa estranha demais... Quero minha casa. Vamos, vamos!

PABLO: Mas a sua casa é aqui. A gente mora aqui.

LURDES: Não! Eu moro naquela casa lá, no... naquele negócio lá. Vamos! Eu não quero ficar aqui. Quero ir embora.

PABLO: Vamos fazer o seguinte: lá fora está chovendo... Fica aqui hoje. Tem um quarto para você, então amanhã eu te levo. Pode ser?

LURDES: Eu nem tenho roupa pra dormir.

PABLO: Veste essa aqui então... Vê se cabe. Amanhã você me devolve antes de ir pra casa.

LURDES: Eu vou é levar ela comigo. Brincadeira... Vou vestir.

LURDES sai por um lado e PABLO pelo outro lado da coxia.

ATO 2

As luzes se abaixam e um foco na coxia esquerda se acende.

LURDES entra com passos lentos; carrega um terço em sua mão esquerda; se senta em uma cadeira. Ela salta as pedrinhas do terço, uma a uma, buscando as palavras para a oração.

PABLO vai à boca de cena, próximo ao telefone.

PABLO: Ela gripou recentemente, mãe. Sim, vou continuar com ela aqui... Não dá para deixar ela sozinha. Fiz isso uma vez para não fazer mais. Estou trabalhando em casa, estou escrevendo para uma coluna. Eu pedi ao Maurício para fazer as compras pra gente... Ele está ajudando muito. Ela não fala mais do papai. Eu toco violão às vezes; ela ouve, mas é só. Nem pega mais no álbum. Não reconhece as próprias fotos. Ela nunca larga aquele terço... Levei ela na missa ontem. Eu queria levar ela para ver o mar, mas o doutor disse que não recomenda que ela passe por grandes emoções. Você vai vir? Tudo bem, não tem necessidade. Beijos, sua bênção. Amém.

PABLO vai até LURDES e segura em sua mão enquanto se agacha.

PABLO: Minha mãe mandou um beijo.

LURDES: Quem?

PABLO: Minha mãe, Cristina!

LURDES sorri e balança a cabeça.

PABLO: Lembra dela, vó?

LURDES: Lembro. Ela veio aqui, não veio?

PABLO: Veio. Tem muito tempo, mas veio.

LURDES olha para o terço e depois passa o olho sobre todo o local.

LURDES: Hoje tem missa do padre Dalmo?

PABLO: Quem é padre Dalmo, vó?

LURDES: É o padre daqui, da igreja.

PABLO: Hoje é segunda, vó, não tem missa. Vamos tomar um sol?

LURDES: Não quero. Estou rezando o meu terço.

PABLO: Então vou pegar o seu remédio e você continua aí, tudo bem?

LURDES: Eu já tomei.

PABLO: É? Quem te deu?

LURDES: O moço lá.

PABLO: Que moço lá? Eu não te dei remédio hoje... Vou buscar.

PABLO vai até a mesa, pega o remédio e água.

LURDES: Eu não estou doente, eu não preciso!

PABLO: É vitamina. Vamos... pega só esse.

LURDES bate na mão de PABLO, derrubando o remédio.

LURDES: Eu disse que não quero.

PABLO observa o remédio caído por um tempo, agacha e se senta próximo à cadeira de LURDES.

PABLO: E como vamos fazer, dona Lurdes? A gente precisa tomar o remédio.

LURDES: A gente não, eu não. Você que precisa de remédio. Toma aí.

PABLO sai de cena, deixando o copo e o remédio. LURDES se levanta lentamente, pega o remédio, o copo d'água e toma.

LURDES: Não é que eu não queira. No fundo, bem naquele fundo não acessível, eu sei da necessidade.

LURDES atravessa o espaço cênico, observando-o e fazendo alguns movimentos. Quando atinge o lado oposto, ela regride com os mesmos movimentos, dessa vez dando o texto.

LURDES: Peço paciência. Venho pedir sem saber, pois as palavras de agora em diante não são palavras; são ações que se faz necessário guardar na memória do corpo.

LURDES leva a cadeira ao centro do palco com passos lentos. Senta-se com olhar profundo.

Nesse momento, inicia-se a música, tocada por violoncelo. PABLO entra com um molho de papéis. Ele corre para executar as tarefas; suas ações são cíclicas e aleatórias, variando pelo cansaço, raiva, fe-

licidade... Ele vai ao telefone, à mesa no fundo e coloca os papéis, folheia e assina. Ao fundo, do outro lado, ele pega um copo e o remédio. Corre até LURDES, coloca o remédio em sua boca — enquanto ela olha para ele com um sorriso — e volta à sua posição inicial. Corre até a outra lateral da frente, estende algumas roupas e volta ao telefone. Ele repete esses atos, beirando a exaustão. Quando a música acaba, LURDES se levanta, busca a planta e a coloca no lugar em que ela se sentava. LURDES sai de cena. PABLO continua fazendo as ações.

Voz em off.

LURDES: Querido tempo, escrevo-te às pressas, pois só assim tu virias a saber o que se passa. Hoje te trago boas notícias. Depois de tempos em que eu sorria e via-te passar à minha frente, decidi levantar do meu local de espera para deitar em teu colo, como velhos amigos! Poder te contar das lindas memórias que recolhi... como quem recolhe limões do pé. Vez ou outra se fere para pegar os mais altos, mas compensa, visto o suco que fazemos no final. Não te trouxe presentes. Decidi não carregar nada mais. Passei tanto tempo sem acessar as lembranças que agora o que quero... bem, na verdade, não quero nada; já tenho tudo o que eu preciso.

As luzes se apagam enquanto PABLO diminui a velocidade de suas ações até chegar ao centro. Próximo à planta, ele se senta e abraça o vaso.

Blackout.



VEEC SANTOS

Veec Santos, nome artístico de Victor Santos, é artista negro, ator, iluminador cênico e pesquisador das potencialidades expressivas da luz nas artes cênicas. Em seus trabalhos, investiga as relações entre iluminação, processos criativos e dramaturgia.

Entre suas criações, destacam-se a iluminação de *Fogo-Fátuo* (2025–2026), do Grupo de pesquisa Negruras/UFMG. e de *∃X-Imagination* (2002), de Michelle Sá. Participou de festivais como FIT (2024), FAN (2023 e 2026), Festival de Cenas Curtas (2023, 2024 e 2025), Festival de Arte Surda (2026), FETAM (2024) e FNTP (2026).

É técnico em Teatro pelo CICALT (2021), formado em Iluminação Cênica pelo SESI (2022) e graduando em Teatro pela UFMG desde 2024. Desde 2025, integra o grupo de pesquisa Negruras — Performatividades Negras e Periféricas, coordenado pelo Prof. Dr. Altemar Di Monteiro.



LUDIMILA LIMA
Artista Visual

Cruz das Almas, Bahia, Brasil, 1993.
Vive e trabalha em Salvador - BA
É artista multidisciplinar e pesquisadora.

Por meio dos traços e cores-água da aquarela, acrílica e da materialidade ancestral do barro, ela exterioriza o que seus olhos, corpo e sentidos captam do mundo. Inspirada pelas histórias de luta de seus ancestrais e pelas vivências cotidianas da Bahia, entende a arte como expressão e (re)existência. Sua produção constrói um universo poético particular, onde a fluidez da água e a solidez da terra se encontram para dar forma às memórias, afetos e experiências que atravessam sua existência.

Suas obras fazem atravessamento entre ancestralidade, pertencimento, cultura e afetos. Em 2023, realizou sua primeira exposição individual na Casa da Cultura Galena D'Avelírio, em Cruz das Almas/BA, com itinerância no Museu Galeria Hansen Bahia, em Cachoeira/BA. Em 2024, participou das exposições *Raízes:* Começo, Meio, Começo (MUNCAB-BA), *Confluências e Fabulações Líquidas* (MAM/BA). Também realizou mobilidade artística e exposição individual no Instituto Guimarães Rosa, em Maputo, Moçambique. Em 2025, integrou a exposição *Ritmos Visuais* no Sesc de Feira de Santana/BA e a itinerância da exposição "Raízes" em Marselha, França. Participou de residências artísticas na Afrotonizar.Lab (2024), Pivô Salvador (2025), em Salvador/BA, e Terra Afefé (2025), em Ibicoara/BA.



ISBN 978-65-84800-41-0

ADAAP
Organização Social de Cultura
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas
SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO